



CIDADANIA

POR UMA EDUCAÇÃO
NÃO DISCRIMINATORIA
DE JOVENS E ADULTOS

ETNA/TRAÇA

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Fundamental

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação
Paulo Renato Souza

Secretária de Educação Fundamental
Iara Glória Areias Prado

Diretoria do Departamento de Política da Educação Fundamental
Virgínia Zélia de Azevedo Rebeis Farha

Projeto Por uma Educação não Discriminatória de Jovens e Adultos
Coordenação do projeto: Schuma Schumacher
Thais Corral

CIDADANIA

POR UMA EDUCAÇÃO
NÃO DISCRIMINATÓRIA
DE JOVENS E ADULTOS

ETNIA/RAÇA

Instituições Responsáveis pelo Projeto

REDEH - Rede de Defesa da Espécie Humana
Rua Álvaro Alvim, 21 / 16 andar
Centro - Rio de Janeiro, RJ 20031-010
tel: 021-2621704 fax: 021-2626454
E.mail: redeh@ax.apc.org

CACES - Centro de Atividades Culturais Econômicas e Sociais
Rua Fernandes Guimarães, 80 casa 2
Botafogo - Rio de Janeiro, RJ 22290-000
tel: 021-2751742 fax: 021-5419691
E.mail: caces@ax.apc.org

Manual Cidadania, Etnia/raça

Entidade Responsável:

CACES - Centro de Atividades Culturais Econômicas e Sociais

Coordenação:

Hildézia Medeiros

Pesquisa, edição e texto:

Hildézia Medeiros
Rosália Lemos
Cláudia Ferreira

Colaboradora:

Hildete Medeiros

Auxiliar de pesquisa:

Núbia Regina Moreira

Revisão:

Maria Elena Ferreira da Silva

Projeto Gráfico, Ilustrações:

M. Clara Rodrigues de Moraes

Editoração eletrônica:

Luciana Marinho



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
PRIMEIRA PARTE - TROCANDO EM MIÚDOS	
ÉTICA, COISA DE FILÓSOFOS... E DE GENTE COMUM	7
ÉTICA, UMA QUESTÃO TRANSVERSAL NO CURRÍCULO DA ESCOLA	8
O QUE É, O QUE É: ETNIA/ RAÇA	9
QUEM, EU RACISTA?	10
DIFERENTES SIM! DESIGUAIS NÃO!	11
SEGUNDA PARTE - ERA UMA VEZ... É HORA E VEZ	
E TUDO ANDA EM MOVIMENTO	13
ORIGENS...ORIGENS...ORIGENS	14
A ESCRAVIDÃO: UMA TRISTE REMOTA LEMBRANÇA	15
RESISTIR FOI PRECISO...SÓ TEM SIDO PRECISO	16
VALEU, ZUMBI!	17
TODO DIA ERA DIA DE ÍNDIO...	18
CAÇA-PALAVRAS	19
AS MULHERES VÃO À LUTA	20
TERCEIRA PARTE - CULTURA, FATOR DE IDENTIDADE ÉTNICO/RACIAL	
CULTURA E POLÍTICA NEGRA	23
VELHAS RAÍZES, LINDAS RAÍZES	24
CULTURA E RELIGIOSIDADE	25
CULINÁRIA TAMBÉM É CULTURA	27
O RACISMO NA BOCA DO POVO	28
QUEM CONTA UM CONTO...	29
QUARTA PARTE - QUEM É QUEM...?	
CORPO HUMANO, FATOR DE ORGULHO	31
A QUÍMICA DA PELE	31
SAÚDE, UMA RESPONSABILIDADE COLETIVA	32
NOSSO PLANETA, NOSSO AMBIENTE, NOSSA CULTURA, NOSSA GENTE	33
QUINTA PARTE - NÓS RIGORES DA LEI... E COMPROMISSOS	
CONVENÇÃO DA ONU SOBRE	
A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL	37
PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS	38
LEIS REFERENTES À QUESTÃO NEGRA	39
SEXTA PARTE - NÓS POR NÓS, NÓS POR ELES...E ELAS...	
A COR DA DESIGUALDADE	41
A ESCOLA PÚBLICA, UM ESPAÇO DE COMPROMISSO ÉTICO	42
VAMOS PÔR O ESQUELETO FORA DO ARMÁRIO	42
O PODER FEMININO NO CULTO AOS ORIXÁS	44
SAMBA, CHORO E CARNAVAL	45
AS MÃOS DOS PRETOS	46
SÉTIMA PARTE - COMO OS VÍDEOS NOS MOSTRAM A QUESTÃO RACIAL	49
OITAVA PARTE - UMA BIBLIOGRAFIA SUGERIDA	51





"CADA UM SABE A DOR E A DELÍCIA DE SER O QUE É..."

Falar do mundo em que vivemos hoje é, na verdade, falar de sociedades que enfrentam desafios jamais experimentados anteriormente; significa tentar compreender processos contraditórios tais como o da globalização.

Por um lado, estes processos têm facilitado a articulação de grupos sociais dominados, a comunicação entre eles, a comparação de distintas experiências o que contribui, sem dúvida, para o desenvolvimento de uma consciência comum dos problemas da desigualdade e de subordinação dos mesmos, bem como para a possibilidade de estabelecimento de estratégias unitárias para o alcance da equidade nos distintos campos sociais.

Por outro lado, entretanto, os processos de globalização têm desencadeado forças que contribuem para uma maior diferenciação entre os diversos países e para uma maior polarização social no interior dos mesmos.

Também estão incidindo de forma diferenciada sobre homens e mulheres, bem como sobre os membros de distintas etnias/raças.

Se examinarmos com cuidado os acontecimentos da última década, perceberemos o quanto ela tem sido marcada pelo aprofundamento dos conflitos bélicos centrados nas questões de identidade étnico/racial, pela expansão de epidemias que ameaçam a existência de boa parte da humanidade tais como a AIDS e pela agudização do desemprego, da fome e da miséria em muitos países, principalmente no continente africano.

Contraditoriamente, esta também tem sido a década na qual se conseguiu importantes avanços no campo da saúde e da educação, êxitos importantes na ciência e na tecnologia, bem como o fim da ditadura militar e início de uma construção democrática em muitos países.

Possivelmente o que mais tem contribuído para acelerar a globalização econômica nas últimas décadas tem sido a revolução tecnológica, que vem modificando, em passo acelerado, as formas de produção, os produtos no mercado e a relação dos seres humanos entre si e com o mundo da natureza.

Entretanto este quadro será incompleto se não citarmos a tendência à uniformização das políticas de reforma do Estado e de liberalização dos mercados como um dos elementos centrais nas sociedades modernas.

Hoje o Brasil se situa entre as dez primeiras economias, em nível mundial. Assim, tem diante de si todos os desafios e problemáticas trazidas pelos processos da chamada globalização econômica, com reflexos nos demais campos da sociedade brasileira.

Entre eles, os de alguns grupos étnico/raciais como os afro-descendentes e os indígenas que, proporcionalmente, têm estado mais marginalizados dos avanços e conquistas sociais, políticas e econômicas em nosso país que os pertencentes a outras etnias. E dentre eles, os contingentes femininos são mais vulneráveis.



ÉTICA, UMA QUESTÃO TRANSVERSAL NO CURRÍCULO DA ESCOLA

Em que medida a formação ética pode e deve ser diferente do ensino das outras disciplinas da escola?

Versando sobre os princípios e valores que norteiam os pensamentos, juízos de valor e ações das pessoas, a Ética está presente em todos os espaços humanos, em todos os momentos.

A escola, como instituição da sociedade, institui e é instituída por esse conjunto de normas e prescrições morais.

Entretanto, o seu aprendizado não se dá por longos e cansativos discursos proferidos do alto da sapiência dos doutos e sim pelo aproveitamento concreto de todas as oportunidades que são oferecidas pelo processo pedagógico, em qualquer instante e dentro de qualquer campo do conhecimento.

Esta é uma visão que orienta uma proposta curricular que se pauta na transversalidade e que parte de alguns princípios básicos:

Questões morais e éticas encontram-se a todo momento em todas as disciplinas. Cabe aos educadores estarem extremamente atentos aos acontecimentos da sala-de-aula e da comunidade onde a escola está inserida para que sejam canalizados para a formação ética de seus alunos. Assim, o que é humano está profundamente vinculado à Educação, à escola e ao seu currículo.

A própria função da escola – transmissão do saber – levanta questões éticas. Ensinar e aprender são atividades humanas da mais alta importância e devem ser analisadas de um ponto de vista ético.

As relações entre os membros de uma comunidade escolar são pautadas por um conjunto de princípios e valores.

A forma como a direção e os professores se relacionam entre si e com os alunos são evidências concretas do tipo de ética sob o qual são regidos.

Em resumo, é fundamental que a formação ética do alunado se dê de modo integral, através do exercício cotidiano das relações entre as pessoas, em nível individual e em nível grupal.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES:

Crie com os alunos um "código de ética" próprio do grupo. Utilize a técnica de "tempestade de idéias" na identificação das regras que devem reger o funcionamento da classe. Oriente-os na identificação dos valores aos quais correspondem as regras. Organize o resultado em um mural e, sempre que possível, converse com eles sobre o cumprimento do código estabelecido.



O QUE É, O QUE É: ETNIA/RAÇA



Durante muito tempo fomos acostumados a classificar pessoas usando categorias baseadas na cor de pele, textura de cabelo, traços físicos etc.. Assim, criou-se o senso comum das três RAÇAS distintas: amarela, negra e branca. O conceito de RAÇA, segundo o Dicionário Aurélio (1986:1442), é um "conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como cor da pele, a conformação do crânio e do rosto, o tipo de cabelo etc., são semelhantes e se transmitem por hereditariedade, embora variem de indivíduo para indivíduo". No mesmo dicionário, ETNIA (1986:733) é "um grupo biológico e culturalmente homogêneo".

Pensemos juntos: Se o conceito de RAÇA nos reporta às semelhanças nos caracteres referentes ao corpo (somáticos) e se hoje já é possível identificar, através de estudos do DNA HUMANO, semelhanças entre indivíduos que se apresentam fisicamente diferentes, tal conceito não se aplica na atualidade. Assim, só conhecemos uma única RAÇA: A RAÇA HUMANA!

Mas, como não somos homogêneos, as culturas não estão condicionadas à nossa aparência física. Assim, ETNIA também não pode ser usada isoladamente para classificar ou determinar os humanos, pois as culturas não são estáticas e nem puras, uma vez que as fronteiras não existem, possibilitando a interrelação das tradições e costumes entre pessoas que partilham de uma mesma sociedade.

Em nossa sociedade houve a tentativa de imposição da cultura branca, mas isso não tem sido possível pois a resistência dos negros e índios fez produzir o que podemos chamar de CULTURA BRASILEIRA. Portanto, é importante afirmar que no Brasil estão presentes manifestações culturais desses três grupos étnicos/raciais formadores desta sociedade. Raciocinando desta forma, não podemos supor a superioridade de um determinado grupo - o branco - em detrimento de um outro - negro ou índio - uma vez que vivemos num CALDEIRÃO CULTURAL.

(...) O CERTO É O LOUCO TOMAR ELETROCHOQUE, O CERTO É SABER QUE O CERTO É O CERTO

... O MACHO BRANCO, ADULTO, SEMPRE NO COMANDO
E O RESTO AO RESTO, O SEXO É O CORTE, O SEXO,
RECONHECER O VALOR NECESSÁRIO DO ATO HIPÓCRITA
RISCAR OS ÍNDIOS, NADA ESPERAR DOS PRETOS (...)

(O ESTRANGEIRO - CAETANO VELOSO)

Inseridas então, neste mar de diversas culturas resolvemos adotar a terminologia étnico-racial uma vez que tais conceitos já fazem parte da CULTURA BRASILEIRA.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES:

Monte com seus alunos um protótipo em papelão e material de sucata (bombril, botões, lã, retalhos etc) ou um cartaz coletivo representando uma figura humana derivada da compreensão deles da música "Lourinha Bombril", de autoria de Diego Blanco y Bahiano, versão de Herbert Viana. Discuta o processo de criação coletiva e o resultado.

LOURINHA BOMBRIL

**DIEGO BLANCO Y BAHIANO
VERSÃO: HERBERT VIANA**

PÀRA E REPARA
OLHA COMO ELA SAMBA
OLHA COMO ELA BRILHA
OLHA QUE MARAVILHA

ESSA CRIOLA TEM O OLHO AZUL
ESSA LOURINHA TEM CABELO BOMBRIL
AQUELA ÍNDIA TEM SOTAQUE DO SUL
ESSA MULATA É DA COR DO BRASIL
A COZINHEIRA TÁ FALANDO ALEMÃO
A PRINCESINHA TÁ FALANDO NO PÉ
A ITALIANA COZINHANDO FEIJÃO
A AMERICANA SE ENCANTOU COM PELE

HÄAGEN-DAZS DE MANGABA
CHATEAU CANELA-PRETA
CACHAÇA MADE IN CARMO DANDO VOLTA
NO PLANETA
CABOCLO PRESIDENTE
TRAZENDO A SOLUÇÃO
LIVRO P'RA COMIDA, PRATO P'RA EDUCAÇÃO



QUEM, EU RACISTA?



Esta pergunta feita à queima-roupa, evidentemente choca a maior parte das pessoas. Por quê? Entre os resultados que o chamado mito da democracia racial trouxe para a sociedade brasileira, talvez um dos mais perversos seja o de contribuir para o ocultamento do preconceito e da discriminação racial. Certamente, isso faz com que as pessoas tenham dificuldade em lidar com estes aspectos, em nível individual e coletivo. Vamos trazer esta discussão para nossa turma, a partir de uma caminhada pelo dicionário? Verifiquemos como o mestre Aurélio define alguns vocábulos :



DISCRIMINAÇÃO - [Do lat. *discriminatione*.] S. f. 1. Ato ou efeito de discriminar. 2. Faculdade de distinguir ou discernir; discernimento. 3. Separação, apartação, segregação: discriminação racial. 4. Eletrôn. Eliminação de todos os sinais que entram num circuito, exceto aqueles que têm uma determinada característica de fase, de frequência ou de amplitude. [Cf. *discriminação*.]

Discriminação racial. 1. Segregação racial.



PRECONCEITO - [Do lat. *praeconceptu*.] S. m. 1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida. 2. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo. 3. P. ext. Superstição, crendice; prejuízo. 4. P. ext. Suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.: O preconceito racial é indigno do ser humano.



RACISMO - [Do ingl. *racism* < Fr. *racisme*.] S. m. 1. Doutrina que sustenta a superioridade de certas raças. 2. Qualidade, sentimento ou ato de indivíduo racista. [Cf. *segregacionismo*.]



RACISTA - [Do ingl. *racist* < fr. *raciste*.] Adj. 2 g. 1. Respeitante ao, ou que é partidário do racismo. S. 2 g. 2. Partidário dele.



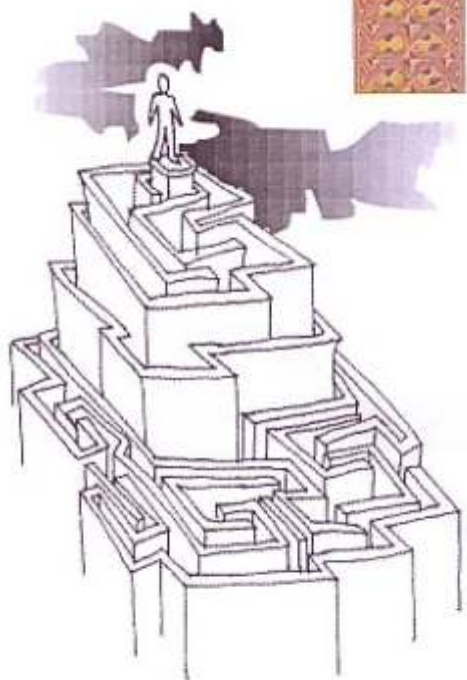
PENSEMOS JUNTOS:

Cornelius Castoriadis, filósofo grego recentemente falecido, escreveu:

{.....}

A partir do momento em que há fixação racista, como se sabe, os "outros" não são apenas excluídos e inferiores: tornam-se, como indivíduos e como coletividade, ponto de suporte de uma cristalização-imaginária. Cristalização essa que os dota de uma série de atributos, e por trás desses atributos, de uma essência má e perversa, justificando de antemão tudo o que propõe infligir a eles.

(*Reflexões Sobre o Racismo*, In: *As Encruzilhadas do Labirinto, III: o mundo fragmentado*. - RIO DE JANEIRO : Paz e Terra, 1987-1992).





DIFERENTES SIM! DESIGVAIS NÃO!

"Nós não podemos mudar a cor da nossa pele. O que nós podemos mudar é como nós a sentimos. Nós não podemos mudar a dor do passado. O que podemos mudar é como isso nos afeta. Nós não podemos mudar o que outras pessoas provavelmente sentem sobre o que somos e o que tenhamos sido. O que nós podemos mudar é como nós vemos isso, como nós usamos isso e como os outros usam isso em nosso benefício ou detrimento. O passado já foi escrito, mas nós temos o poder de escrever o futuro, baseados no que somos e no que estamos fazendo agora. Nós podemos escrever o futuro baseados na auto-ajuda e respeito. Nós podemos escrever o futuro baseados no quanto nós temos a crescer. Nós podemos escrever o futuro cheios de força, paz, prosperidade e amor. Tudo o que temos a fazer é isso e exatamente agora.

Eu estou escolhendo o meu futuro pelo que estou fazendo agora. Iyanla Vazant, *Acts of Faith - Daily Meditations for People of Color* – Fireside – New York – 1993. Tradução Wânia Sant'anna.



Um princípio básico sobre o qual se sustentam e reproduzem todas as formas de discriminação em todos os níveis da educação é a confusão entre *diferença* e *desigualdade*.

Reconhecer o *diferente* não significa estabelecer uma escala de valores, nem num desequilíbrio no poder; é simplesmente a constatação da diversidade baseada em características herdadas ou adquiridas. Contudo, o desigual se estabelece quando se marginaliza uma das partes para estabelecer os ideais e definir o normal. O *desigual* implica numa imposição dos termos, num desequilíbrio de poder, com a finalidade de criar e perpetuar uma hegemonia. Uma educação não-discriminatória não significa produzir um só modelo de pessoas; significa reconhecer-lhes o direito de se definirem, independentemente, como pessoas únicas, ainda que não à margem de seu sexo, classe, raça, lugar de origem, etc.

A construção da identidade de uma pessoa é um processo complexo no qual a educação joga um importante papel.



SUGESTÃO DE ATIVIDADES:

- Divida a turma em pequenos grupos.
- Solicite que metade dos grupos recolha depoimentos sobre a questão racial junto à família e os demais junto à comunidade onde vivem.
- Monte um painel com os resultados, discutindo-os posteriormente com o grupo.
- Peça para cada um fazer uma redação.

QUANDO O CRIOVLO DANÇA?

Este é o título de um vídeo que, através de entrevistas intercaladas com cenas de ficção de situações vividas no cotidiano, pelo negro, mostra o contraponto entre as duas formas em que o crioulo dança.



Aproveite o vídeo e faça arte!


- Reúna sua turma e projete o vídeo "Quando o Crioulo Dança".
- Discuta com seus alunos, identificando o que mais chamou a sua atenção no vídeo.
- Incentive para que eles contem um caso de racismo que sofreram, presenciaram ou tomaram conhecimento por algum meio.
- Peça que eles escolham um dos casos citados para ser transformado em dramatização na sala de aula.





SEGUNDA PARTE

ERA UMA VEZ... É HORA E VEZ



E TUDO ANDA EM MOVIMENTO

Como a sociedade brasileira foi formada a partir da dominação exercida pelos brancos sobre negros e índios, nem sempre houve acomodação por parte destes grupos a essa situação. Historicamente, como veremos adiante, os grupos dominados reagiram, de forma organizada ou não, às situações que ferissem a integridade humana.

Assim, surgem os movimentos sociais. Eles são a forma de orientar as lutas e reivindicações perante a sociedade, dando visibilidade à existência de discriminações, preconceitos e racismo sofridos pelos grupos acima mencionados.

Podemos citar outras sociedades em que se observa o mesmo movimento. Os EUA são um exemplo clássico. Martin Luther King, uma das principais lideranças negras norte-americanas, contribuiu fortemente para a visibilização da crueldade imposta aos negros naquele país. Ainda nessa mesma sociedade, vimos na luta de Malcolm X toda a determinação para pôr fim à prática racista, que guetizavam os negros e os impediam de ter direito à cidadania. Simultaneamente, Angela Davis, com toda sua força de mulher negra, introduz a questão de gênero e classe social, na luta anti-racista.

Na Europa, por influência dos negros vindos da África colonizada, vemos surgir o movimento de valorização e orgulho pelo fato de ser negro. Surge então, o movimento Negritude.

No continente africano, um dos exemplos mais significativos de organização e resistência é o da África do Sul, que implantou um sistema racista institucionalizado chamado APARTHEID. Este sistema, durante décadas foi responsável pela morte de milhares de negros naquele país.

Como exemplo nessa sociedade, destacam-se Steve Biko, Nelson e Winnie Mandela que lutaram denodadamente para porem fim a essa situação. Atualmente, Nelson Mandela é presidente da África do Sul.

No Brasil, os movimentos de libertação e autodeterminação de negros e índios tiveram os seus começos no período colonial. No entanto, é a partir da década de 20-30 que surgem as primeiras organizações da atualidade. Destacamos a Frente Negra Brasileira, I Conselho Nacional de Mulheres Negras, IPCN - Instituto de Pesquisa da Cultura Negra, MNU - Movimento Negro Unificado, NZINGA - Coletivo de Mulheres Negras/RJ, Mãe Andreza e Geledés- Instituto da Mulher Negra/SP.



**BLACK IS
BEAUTIFUL
NEGRO ES
HERMOSO
NEGRO
É LINDO**

QUE BLOCO É ESSE EU QUERO SABER/É O MUNDO NEGRO
QUE VIEMOS CANTAR PARA VOCÊ/SOMOS CRIULOS DOIDOS SOMOS BEM
LEGAL/TEMOS CABELO DURO
SOMOS BLACK POWER/BRANCO SE VOCÊ SOUBESSE
O VALOR QUE O NEGRO TEM/TU TOMAVAS BANHO DE PIXE
E FICAVA PRETO TAMBÉM/EU NÃO ENSINO MINHA MALANDRAGEM E NEM
TAMPOUCO MINHA FILOSOFIA/QUEM DÁ LUZ A CEGO É SANTA LUZIA (ILÊ AYÊ,
GILBERTO GIL)

RESISTIR FOI PRECISO... SÓ TEM SIDO PRECISO



"A REVOLTA DA CHIBATA" ou "REVOLTA DOS MARINHEIROS", foi um dos principais fatos históricos durante a República Velha e teve como principal liderança o marinheiro JOÃO CÂNDIDO que, por ter sido o primeiro e único marinheiro a comandar uma esquadra, em nível mundial, ficou conhecido como o Almirante Negro. As principais reivindicações do movimento eram: o fim da chibata e de outros castigos físicos e melhores condições de vida e trabalho para os marinheiros. Para se ter uma idéia de como era a situação, um marinheiro não podia casar-se nem abandonar a Esquadra antes de 15 anos de trabalho. Como não havia serviço militar obrigatório, os marinheiros eram escolhidos por "sorteio" que, não coincidentemente recaía sobre os estratos mais pobres da população masculina: os negros. Assim, havia uma enorme porcentagem de negros entre os setores subalternos da Armada. A revolta durou 5 dias e o Governo Federal concordou em atender às reivindicações. Entretanto, após o cessar fogo, o acordo foi rompido e os sublevados foram violentamente reprimidos. JOÃO CÂNDIDO, um dos dois sobreviventes da solitária onde foram encarceradas lideranças do movimento, morreu na mais profunda miséria, depois de trabalhar na estiva até os 70 anos. Durante um breve período, durante o Governo João Goulart, recebeu uma pequena pensão, a qual lhe foi retirada como um dos primeiros atos da ditadura militar de 64.

O MESTRE-SALA DOS MARES

JOÃO BOSCO E ALDIR BLANC

HÁ MUITO TEMPO/NAS ÁGUAS DA
GUANABARA,
O DRAGÃO DO MAR REAPARECEU/NA FIGURA
DE UM BRAVO FEITICEIRO
A QUEM A HISTÓRIA NÃO ESQUECEU
CONHECIDO COMO NAVEGANTE NEGRO,
TINHA A DIGNIDADE DE UM MESTRE-SALA
E AO ACENAR PELO MAR NA ALEGRIA DAS
REGATAS/FOI SAUDADO NO PORTO/PELAS
MOCINHAS FRANCESAS,/JOVENS POLACAS E
POR BATALHÕES DE MULATAS
RUBRAS CASCATAS/JORRAVAM DAS COSTAS
DOS SANTOS ENTRE CANTOS E CHIBATAS,
INUNDANDO O CORAÇÃO/DO PESSOAL DO
PORÃO

QUE A EXEMPLO DO FEITICEIRO GRITAVA
ENTÃO:

GLÓRIA AOS PIRATAS
ÀS MULATAS,
ÀS SEREIAS,
GLÓRIA À FAROFA,
À CACHAÇA
ÀS BALEIAS...
GLÓRIA A TODAS AS LUTAS INGLÓRIAS
QUE ATRAVÉS DE NOSSA HISTÓRIA
NÃO ESQUECEMOS JAMAIS/SALVE O
NAVEGANTE NEGRO/QUE TEM POR
MONUMENTO
AS PEDRAS PISADAS DO CAIS

SUGESTÃO DE ATIVIDADES:

- Duça a música junto com os alunos, acompanhando a letra.
- Peça que eles comentem sobre os tópicos que eles identifiquem como interessantes.
- Solicite que cada um faça um desenho livre sobre o texto, usando tintas e pincéis em folhas de Cartolina.
- Faça uma exposição dos trabalhos.





VALEU ZUMBI!



*Valeu Zumbi
O grito forte de Palmares
Que correu terras, céus e mares
Influenciando a A bolição
Zumbi valeu
(Kizomba: festa da raça - Rodolfo, Jonas e Luís Carlos da Vila)*

A figura de Zumbi dos Palmares é, sem dúvida, a principal referência que se tem quanto à questão da resistência negra à escravidão. Certamente, por essa razão ele está oficialmente inscrito no Panteão dos heróis nacionais.

Nascido e criado no Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, em Alagoas, Zumbi comandou a luta dos quilombolas de então, somente sendo derrotado pelo bandeirante paulista Domingos Jorge Velho. Mas, na verdade, o que foram os quilombos?

Os quilombos foram agrupamentos situados no interior das matas, habitados pelos negros fugidos. Ali, eles tentavam reproduzir as formas de convivência que tinham na África. O mais famoso deles, o de Palmares, resistiu aos portugueses durante 65 anos, apenas sendo destruído em 1694.



A Constituição Federal de 1988 considerou as comunidades remanescentes dos quilombos como territórios submetidos a um regime especial, onde os afro-descendentes, em sua maioria situados na zona rural, implementam as atividades necessárias à sua sobrevivência e reprodução física e cultural. À Fundação Palmares cabe a tarefa de "cuidar das ações de proteção, acautelamento e defesa destas comunidades e dos seus territórios, uma vez que estes territórios se referem à memória e à identidade destes grupos, configurando-se como Patrimônio Cultural Brasileiro".

Um dos esforços mais importantes que vem sendo desenvolvido pela Fundação Palmares é o de contribuir fortemente para que as comunidades estejam habilitadas para receberem o benefício da titulação das terras remanescentes, benefício esse assegurado pela Constituição Federal.

ÍNDIAS COM MUITOS MARIDOS NEGROS

Extraído da Revista Super Interessante, ano 9 nº 11 nov/95

Para os portugueses, os índios dividiam-se entre tupis e tapuias (todos aqueles que não falavam tupi e eram tidos como mais selvagens). Jogados uns contra os outros, eram empregados para guerrear contra outras tribos, holandeses, franceses e escravos fugidos.

Ao negros bantos eram agricultores de vida sedentária que já conheciam a metalurgia. Em Palmares, fundiram-se com índios que viviam nas serras - provavelmente a nação dos kariris, que habitava o sertão nordestino desde o Rio São Francisco ao Piauí.

• antropólogo Pedro Agostinho, da Universidade Federal da Bahia, estima que nos primeiros contatos entre negros e índios, em Palmares, pode ter havido mortandade porque os indígenas não tinham resistência aos germes vindo das senzalas. Além disso, deve ter havido violência porque os negros tomaram as índias como mulheres, já que as negras raramente fugiam.

Há relatos sobre poliandria em palmares - muitos maridos para só uma mulher

A cultura política e a tecnologia dos negros garantiu-lhes a supremacia sobre os índios. Mas a miscigenação adaptou as gerações mestiças ao ambiente tropical. A arqueologia comprova que havia muitas índias em Palmares, pois os vasos indígenas são feitos por mulheres. Mas, há outras fontes. Em 1644, por exemplo, a expedição do holandês Rodolfo Baro contra Palmares capturou 31 prisioneiros, "entre os quais sete índios e alguns mulatos de menor idade".










TODO DIA ERA DIA DE ÍNDIO.....



Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, encontraram aqui cerca de cinco milhões de indígenas. Todos os dias eram "dia de índio". Atualmente, existem no Brasil apenas 270 mil índios, aproximadamente, e somente um dia no ano é dedicado à comemoração do Dia do Índio, que é o dia 19 de abril.

A chegada ao Brasil dos portugueses trouxe muitas perdas para as nações indígenas. As aldeias indígenas foram invadidas por colonizadores que buscavam os índios para escravizá-los ou catequizá-los, sem nenhum respeito pela sua cultura.





Ainda hoje essas terras são invadidas por pessoas em busca de riquezas minerais, provocando a desintegração social e cultural dos povos indígenas trazendo:

-  doenças que estes não estão preparados para enfrentar
-  emigração por falta de perspectiva
-  alcoolismo por desânimo e desesperança
-  violência
-  racismo

A Constituição Brasileira, assegura no seu texto a demarcação das terras indígenas, o que na prática, somente será garantido através da constante pressão e vigilância de suas lideranças e do trabalho eficiente dos grupos de apoio aos indígenas.



ESTES SÃO ALGUNS DIREITOS ADQUIRIDOS PELOS INDÍGENAS NA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA:

-  Pertencem aos povos indígenas as terras tradicionalmente por eles ocupadas.
-  Os povos indígenas têm o direito de ser alfabetizados em sua própria língua e segundo o seu modo tradicional de aprendizagem.
-  Os povos indígenas têm o direito de viver segundo sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e o governo apoiará e incentivará todas as suas manifestações culturais.
-  As riquezas do solo das terras indígenas, dos rios e lagoas, são de uso exclusivo dos povos indígenas.





CAÇA-PALAVRAS

Encontre, no quadro abaixo as palavras do glossário indígena.

BOITATÁ

Cobra de fogo que espalha clarões na noite, segundo lenda indígena.

CAFUSO

Mestiço da união de índio e negro.

CAIPORA

Ser cabeludo que monta um porco, desorienta os caçadores, agindo como protetor de animais da floresta.

CAMBEBAS

Índios do Amazonas, descobridores das "seringas", bolsas de látex, para água.

CARAJÁS

Índios habitantes da ilha do Bananal, em Goiás, famosos por sua técnica adiantada em cerâmica, de grande valor artístico.

CUNHÃ

Mulher-menina, em tupi-guarani.

JÊ

Tribo indígena que habitava o planalto central do Brasil.

MALOCA

Habitação indígena.

PAJÉ

Curandeiro que recebe os espíritos dos guias e cuida das doenças do corpo e da alma da tribo.

TUPI-GUARANI

Tribos que mais tiveram contato com os brancos, por habitarem os locais mais próximos ao litoral brasileiro.



U
E
H
B
C
E
M
A
P
E
M
H
A
C
B
A



GUARANI

Eliane Potiguara *

Quem diria que gente tão guerreira
Fosse acabar um dia assim na vida

Quem diria que viriam de longe
E transformariam meu homem
Em razão para as rapinas

Quem diria que sobre os escombros
Tê esconderias e emudecerias teu
filho - Fruto do AMOR

Cenário macabro te é reservado
Prá que lado tu corres
Se baionetas, catanas e enganos
Tê seguem e te mutilam?

É impossível que mulher tão
guerreira
Possa ter seu filho estrangulado
E seu crânio esfacelado!

Quem são vocês que podem violentar
A filha da terra
E retalhar suas entranhas?

Liderança indígena, Coordenadora Executiva
do GRUMIN - Grupo Mulher-Educação
Indígena.

P	U	A	C	A	T	O	R	E	J
A	T	C	A	F	U	S	O	X	E
T	A	A	I	M	P	O	J	M	A
E	J	A	P	A	I	A	U	A	P
J	A	G	O	P	X	O	A	L	C
E	C	I	R	O	G	U	V	O	A
R	A	R	A	O	U	R	E	C	M
A	R	A	C	A	A	X	A	A	B
D	A	G	O	R	R	A	T	U	E
X	J	O	A	T	A	T	I	O	B
U	A	B	C	U	N	H	A	X	A
E	S	U	O	S	I	A	N	A	S





AS MULHERES VÃO À LUTA



Falar de mulher é falar de sexo feminino.

Tradicionalmente as mulheres são tidas como pessoas de capacidade inferior aos homens.

ISSO NÃO É VERDADE!

Após incansáveis denúncias, as mulheres, a cada dia que passa, exercem funções antes tidas como "coisa de homem". Estão entre os que dirigem ônibus, hospitais, bancos, etc. MAS

AINDA FALTA MUITO!

Ainda mais quando se fala de mulheres negras, pois sabemos que existe racismo na sociedade como já vimos anteriormente, e são essas mulheres que mais sofrem estigmas e preconceitos socialmente construídos.

Entretanto, as mulheres não têm se calado. Desde a colonização do Brasil elas desempenham papel fundamental na resistência e perpetuação da cultura negra.

Podemos citar a participação de Luíza Mahim durante o longo período das Revoltas dos Malês, lembrar ainda de Dandara, que no Quilombo dos Palmares foi essencial. E mais, no período das lutas abolicionista foram as mulheres negras que possibilitaram a organização emocional e cultural do negro recém "liberto". Ainda destacam-se Ciata e outras mulheres que, numa das primeiras favelas do Rio de Janeiro, faziam de suas casas um reduto de lazer e prazer, dando origem às primeiras escolas de samba, no berço da Praça Onze.

Nas áreas pobres, as favelas por exemplo, a opressão de sexo e etnia é agravada. São as mulheres negras pobres aquelas que mais sofrem na atualidade. Segundo Reichmann (1995:4) "Mulheres negras chefes de família, historicamente, têm sobrevivido com metade da renda que a qual mulheres brancas chefes de família o fazem, como mostra a tabela abaixo"

COR DO(A) CHEFE DE FAMÍLIA	CHEFE HOMEM	CHEFE MULHER
BRANCA	6,2	3,8
PARDA	3,3	1,7
PRETA	2,3	1,3

TABELA 03: RENDA MÉDIA DO DOMICÍLIO (NÚMERO DE SALÁRIOS MÍNIMOS)





SUGESTÃO DE ATIVIDADES

- Divida a turma em grupos.
- Liste diferentes temas tais como: economia, política, ciência/tecnologia, cultura etc. Divida os grupos de acordo com seus interesses sobre os temas.
- Solicite que produzam um trabalho escrito descrevendo a mulher negra e indígena em cada um.
- Solicite que façam apresentação de cada trabalho, seguida de debate com toda a turma.
- Peça para que a turma avalie.

E se fôssemos discutir mais profundamente a relação da mulher indígena veríamos que a situação é muito mais grave.

Tentando reagir à violência social e cultural a que estão submetidas, mulheres negras se organizam na atualidade formando diversos grupos e ONGs, a partir dos últimos anos da década de 70, quando vê-se o nascimento de um movimento contestador que passou a organizar mulheres em todo o território nacional. Foram realizados Encontros Estaduais e dois Nacionais. Recentemente ocorreu, em São Luiz do Maranhão, a I JORNADA CULTURAL LÉLIA GONZÁLEZ, que reuniu mulheres negras do Brasil, em homenagem póstuma à Lélia, intelectual e ativista negra. Neste evento contamos com a presença de Angela Davis que, como já vimos anteriormente, na sociedade americana participou ativamente na luta anti-racista daquele país.

PROMOVA DEBATES!

"MULHERES NEGRAS SÃO MAIS DISCRIMINADAS QUE HOMENS NEGROS?"



"COMO ESTÁ A SITUAÇÃO DA MULHER NAS ALDEIAS INDÍGENAS?"



"VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA AS MULHERES NEGRAS"



"MENINAS DE RUA E GRAVIDEZ PRECOCE"



"A resistência negra também se deu em termos de movimentos urbanos armados como aqueles que, iniciando-se em 1807 na cidade de Salvador, culminariam com a famosa revolução dos Malês (muçulmanos) em 1835. Sua importância maior reside no fato de que, diferentemente das demais, seu objetivo primordial era a efetiva tomada de poder. Nela se destacaria a figura de uma mulher extraordinária, Luíza Mahim, que não só participou da organização, como também da luta armada contra a minoria branca dominante. Como de hábito, também ela manteve uma espécie de concubinato com um branco que acabou por abandoná-la. O fruto dessa relação viria a ser uma das maiores figuras do movimento abolicionista, em meados do século passado: Luiz Gama.

Lélia González (1982: 91)





TERCEIRA PARTE

CULTURA, FATOR DE IDENTIDADE ÉTNICO/RACIAL

CULTURA E POLÍTICA NEGRA

Vários são os episódios ilustrativos da luta anti-racista empreendida pelos os afro-brasileiros.

Poderíamos iniciar citando as diversas revoltas ocorridas no período da escravidão, mas, isso inúmeros escritores já despertaram suas atenções para analisá-las.

Vamos pois, citar a participação dos afro-descendentes e africanos nas Revoltas dos Malês, Chibata, Balaiada, dos Alfaiates, Cabanagem etc.

Outro tipo de resistência anti-racista é a própria expressão cultural. Hoje observamos que o samba, o maracatu, o jongo, o frevo, a capoeira, dentre outras manifestações sobrevivem no espaço urbano. São a sustentação das tradições e da identificação étnica dos afro-brasileiros, constituindo-se como base de manutenção e memória do grupo étnico supracitado.

Porém, reportando-nos à atualidade, podemos citar o Centenário da Abolição, ocorrido em 1988.

Os movimentos negros atuais se utilizaram da comemoração do Centenário da Abolição para dizer a toda sociedade brasileira que o movimento anti-racista, especificamente nesta data deve repudiar o dia 13 de maio, visto que a abolição da escravatura não alterara a estrutura social e nem a condição de vida dos afro-brasileiros.

Felizmente, é nesse mesmo ano, com a elaboração da nova Constituição que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável.

Também por orientação dos Movimentos Negros brasileiros, a data de 21 de março passa a ser considerada o DIA INTERNACIONAL DA LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL. Não é, pois, recomendável comemorar o dia 13 de maio, substituindo-o pelo dia 21 de março.

A luta anti-racista, desde os primórdios, teve participação ativa do índio uma vez que, não se sujeitando à escravidão, pôs-se a desbravar terras distantes, interiorizando a ocupação do Brasil.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Será que quando negro ascende socialmente, ele não sofre mais racismo?

FAÇA UM DEBATE!

Você sabia?

A imprensa negra de São Paulo foi uma forma de resistência. Surge em 1915 O Menelick, chegando até o ano de 1963. Uma das preocupações era com a Educação.



VELHAS RAÍZES, LINDAS RAÍZES



BUMBA-MEU-BOI: É uma festa existente em diversos países, há milhares de anos. Como exemplo de sua antiguidade, no Egito a apresentação do boi Apis. O boi é um importante símbolo em diversas nações africanas.

O bumba-meu-boi, reúne no seu bojo o conjunto das tradições portuguesa e africana, estando ligado diretamente às festas da Igreja, especialmente ao Natal, Reis e às festas de São João.

O boi é feito de uma armação de madeira coberta com pano e movimentado por um ou dois homens. Música, dança e ambiente fazem desta atividade cultural o maior sucesso!

TAMBOR DE CRIOLA: De origem maranhense, o Tambor de Criola é uma dança de origem africana, que se espalha para todo Brasil e Américas. Este é pura diversão, sendo uma espécie de samba de roda. É acompanhado por tambores longos feitos de um toro de madeira, ocado ao fogo, tocado com as duas mãos. Uma mulher tira outra para dançar dando-lhe uma punga (barrigada) e esta tira, do mesmo modo, uma outra. E assim, vai a brincadeira!



CAPOEIRA: Teve origem em Angola, como uma forma de luta, muitas vezes mortal.

Os escravos fugidos tinham na capoeira uma forma de defesa e ataque para sobreviver. Registram-se perseguições aos "capoeiras". O Major Vidigal, antigo chefe de polícia do Rio, com seu longo chicote, e protegido pela distância, atacava os capoeiristas.

Na Bahia, o governo, em meados do século passado, recrutou os capoeiristas para participarem da Guerra do Paraguai, devido ao fato de a capoeira exigir mais destreza do que força muscular. Proliferam hoje academias associadas à Federação de Capoeira.

MARACATU: É um cortejo real. Desfila especialmente nas ruas de Recife, por ocasião do carnaval. É também conhecido pelo nome de "nação", originário das festas antigas de coroação de "reis negros", eleitos e nomeados Reis do Congo, a partir dos fins do século XVII. O interessante nesta manifestação cultural é a presença de uma figura, que é o "Cabloco", que, com arco e flechas, machados e lanças, pula apontando armas, lembrando o folguedo popular de caracterização indígena. Conta com a presença de "Baianas" que têm sua dança coreografada.

Como instrumentos usam o gonguê, tarol, caixas-de-guerra e zabumbas. O Maracatu Elefante é um dos mais antigos.



SAMBA: Seu nome teve influência das "sambas" ou dançarinas dos cultos africanos. Elas dançavam com molejo nas cadeiras durante os festejos do Momo. O povo oferecia dinheiro e o bloco parava. Era formada uma roda e a samba ficava no meio sambando, sendo acompanhada por palmas. Ou seja, um samba de roda! Uma dançava e, em seguida, outra era tirada para o centro da roda. Sob o coro de "Oô... ecô" (chega...está bom) elas saíam. Na hora de entrar era outro o canto: "Agô, iaiá" (a senhora me dá licença?) e, por fim, "Agô lá, ioiô" (terrível licença, sim senhor).

Além do samba, existia a batucada. A diferença entre o samba e a batucada estava na letra. O primeiro tinha letras curtas e era ritmado. Atualmente ele se estilizou, sendo classificado como samba-canção, samba de breque e samba batucada.

A batucada tem origem com os negros "angola"- os bantos. O "batuqueiro" dança bamboleando o copo, dando golpes "rabo de arraia", "tesoura", "baú", "banda cruzada". Este ritmo se originou dentro da capoeira.

O samba surge no Rio de Janeiro e são as mulheres que comandam nos quintais de suas casas as atividades. Nascido no Morro da Providência, tem a primeira escola no Estácio, com a mais antiga, fundada em 1928: a DEIXA FALAR.

REGGAE. De acordo com o antropólogo Carlos Benedito Rodrigues da Silva, o reggae no Maranhão foi originário da Jamaica, tendo se consolidado junto aos jovens das áreas pobres da cidade de São Luiz.



BLACK SOUL: Foi um movimento que, como o reggae no Maranhão, surgiu na década de setenta, importado dos negros americanos, Rio de Janeiro e São Paulo, foram palcos dos mais animados bailes, nos quais os dançarinos negros se apresentavam embalados por diferentes estilos musicais como *soul*, *blues* e *funk*. Como desdobramento surgiu o *charm* mas o *funk* resiste até os dias atuais.



CULTURA E RELIGIOSIDADE

CANDOMBLÉ

Geralmente quando se fala em religião e negritude, duas palavras-chaves vêm em nossas cabeças: Candomblé e Umbanda. Porém, a religião Católica, atualmente, tem reservado no interior de seu movimento intitulado Inculturação, a consciência negra, a reverência às tradições e formas místicas dos afro-descendentes. O Candomblé surge no Brasil no período da escravidão. Vivendo como escravos e em condições subumanas os negros seqüestrados da África reformularam suas práticas culturais. Nesse processo, surge esta forma de culto diretamente relacionada com os signos da natureza. Os negros e mestiços, por terem um sentimento de resistência marcante, reconstruíram a sua identidade social e religiosa, tendo como referência as matrizes de origem africana.

Neste culto, as cerimônias religiosas eram realizadas quase sempre na escuridão, na alta noite e em lugares pouco freqüentados, já que somente a religião Católica era permitida por ser considerada oficial. A prática do Candomblé foi por muito tempo proibida, só deixando de ser perseguida, institucionalmente, depois da década de 40. Foi então que o Candomblé se espalhou por todos os estados onde era marcante e participativa a presença dos negros africanos e dos seus descendentes. Mas.... com o entrelaçamento das culturas, essa religião sofreu variação regional recebendo nome específico em cada lugar: Batuque, no Rio Grande do Sul; Xangô, em Pernambuco; Tambor de Mina, no Maranhão e no Pará; Candomblé na Bahia, etc.

Você sabia que:

Os vários deuses cultuados nos candomblés no Brasil, dependendo de sua origem étnica recebem nomes diferenciados?

No Candomblé de origem nagô-iorubá os deuses são chamados Orixás; no Candomblé de origem jêjê os deuses são chamados Voduns e no Candomblé de origem congo-angola os deuses são chamados Inkices.

Panteão dos Orixás de origem nagô-iorubá:

OLORUM

SENHOR DO ORUM,
OV SEJA, SENHOR DE
TODO O ESPAÇO CÔSMICO.

EXU

Senhor dos caminhos

OXÓSSI

Deus da caça

OGUM

Deus das guerras e metalurgia

OBALVAË

Deus da varíola

OSSÃE

Deus das folhas e das ervas medicinais

OXUMARÊ

Deus do arco-íris

NANÃ

Deusa da lama e do fundo dos rios

IEMANJÁ

Deusa do mar e oceanos

IANJÁ

Deusa dos raios e dos ventos

OXUM

Deusa das águas doces

XANGÔ

Deus do trovão e da justiça

OXALÁ

Deus da criação

IBEJI

Deus dos gêmeos





UMBANDA, UMA OUTRA EXPRESSÃO

A Umbanda, diferentemente do Candomblé, é composta, em maior número, pelo grupo étnico branco e de classe média urbana. Segundo alguns estudiosos, este culto foi trazido para Brasil pelos africanos. Acredita-se que ele é o entrelaçamento de várias seitas de origem bantã (Angola). O início da Umbanda foi no Rio de Janeiro, espalhando-se para todo o Brasil e para exterior. Hoje já está consolidada nos Estados Unidos, Cuba e Argentina. As cerimônias são realizadas em Centros, Tendas ou Cabanas de Umbanda. Há rituais e oferendas nas matas, praias, cachoeiras, margens dos rios, regatos, lagoas, etc. (Vale lembrar que tanto aqui quanto no Candomblé existe a necessidade de ações de Educação Ambiental no destino final das oferendas, havendo hoje vários de seus membros preocupados com esta questão). A Umbanda tem adeptos de todas as classes sociais, como já observamos no Candomblé. Nos dois, a utilização de instrumentos musicais como atabaques, agogô e cabaça (aguê) são primordiais. No entanto, muitas vezes são usadas simples palmas de mão ritmadas.



CATÓLICOS E NEGRITUDE

Na atualidade, encontramos na religião Católica outra forma de manifestação mística que reverencia a cultura dos descendentes de africanos no seu interior: a realização de missa afro. A missa afro procura aglutinar à liturgia católica elementos da religião afro-brasileira, tais como: atabaques, dança, flores, frutas, comida e o caráter festivo no interior da igreja. Esta consciência negra se deu em função da transformação ocorrida no interior da igreja, proposta na Conferência dos Bispos da América Latina, em Puebla e com a Teologia da Libertação, ambas na década de 70. A partir daí, muitos encontros com religiosos, seminaristas, leigos e padres têm acontecido, na tentativa de instaurar e recuperar a espiritualidade do religioso negro católico, dos índios, adeptos e simpatizantes em geral, preocupados com a articulação de suas diferentes formas de rezar. Assistimos, neste processo, ao surgimento, na década de 80, dos Agentes de Pastoral Negros - APNs - que trouxeram para a vida eclesial a realidade do povo afro-brasileiro, principalmente em seus diversos segmentos sociais como as comunidades pobres onde desenvolviam, além da fé, um compromisso sócio-político. A esse movimento da Igreja Católica, deu-se o nome de Inculturação. Ela visa uma aproximação radical e crítica entre o Evangelho e a Cultura, promovendo e exprimindo a unidade do humano, respeitando as particularidades das diversas culturas. Vale ressaltar que isso é Ética!





CULINÁRIA TAMBÉM É CULTURA, E CADA POVO TEM A SUA!

A culinária étnico/racial é muito rica. Diversos povos têm seus quitutes característicos que, como uma carteira de identidade, torna singular aquela civilização.

Os portugueses são famosos pelo bacalhau que vem dos mares da Noruega! E os que moram na cidade do Porto fazem campeonatos para premiar o famoso prato TRIPA À MODA DO PORTO, que tem a ver com o período da guerra, quando a população só ficava com o "resto" do boi, pois a carne de primeira era destinada às tropas. Os que ficavam em terra firme tinham que se virar e cozinhar as tripas com batatas e azeitonas. O que gerou aqui no Brasil a dobradinha! Você já viu a cozinha japonesa? Colorida, com seus peixes crus e arroz enroladinhos! E a chinesa, que usa broto de bambu? Tudo na mais perfeita ordem para saciar a fome daqueles que apreciam a diversidade alimentícia.

E por falar na cozinha de origem africana não podemos esquecer do feijão que é usado para preparar a maravilhosa feijoada. Sua história é parecida com a da tripa à moda do Porto. Quando era abatido um porco, as partes consideradas menos nobres como rabo, pé, orelha e tripas não eram comidas pelos senhores dos escravos. A única solução para a população escrava era transformar aquilo em algo que se pudesse comer. Então, para conservar as partes, a carne era salgada reservada para preparar o cozido com o feijão, levando aquele tempero que nos faz ficar com água na boca.

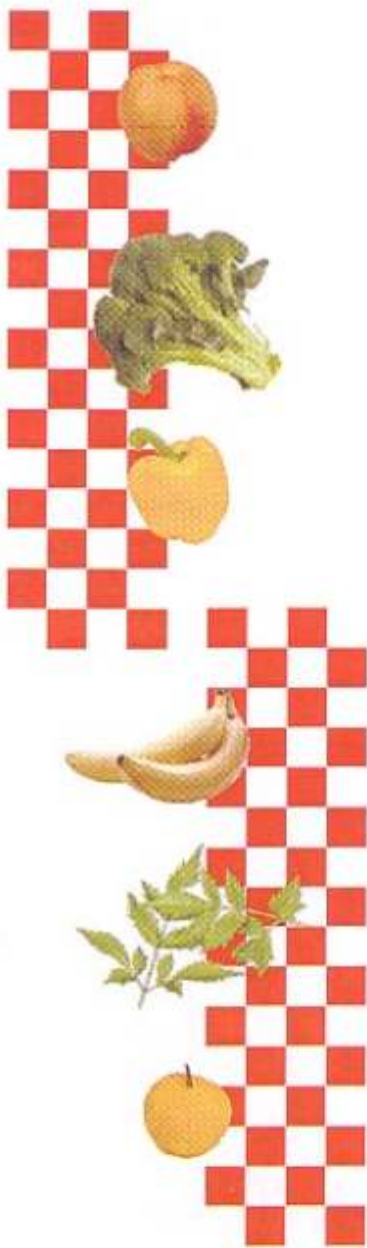
Temos mais... porém resolvemos oferecer apenas algumas curiosidades e detalhes da cozinha africana:

BANANA SECA. Banana passada ao sol, de preferência a grande, denominada "banana pão". Antes de expor ao sol, por oito a dez dias, o fruto devidamente amadurecido, é cozido com a própria casca, que depois da secagem é extraída. Come-se como merenda.

CAXIPEMBE. Aguardente de batata doce.

FÚNJI DE PEIXE. Guisado de peixe fresco e peixe seco, com quiabos, dinhungo, tomate, cebola, jimboa ou rama de mandiocueira, de batata-doce, de quiabeiro, etc. Temperado com azeite de palma e acompanhado de fúngi.

TIZANA. Doce de Milho. O milho é esfarelado em pilão e cozido em água, com uma casquinha de limão e um pauzinho de canela. Usa-se, dependendo do gosto, leite de coco, coco ou jinguba.



SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Promova um banquete em sua sala de aula no dia 20 de novembro: Dia Nacional da Consciência Negra.





O RACISMO NA BOCA DO POVO

A linguagem de qualquer grupamento humano é um instrumento privilegiado para a comunicação dos pensamentos e formação das idéias. Através da linguagem, as pessoas expressam as tradições e estruturas mentais que norteiam o seu cotidiano.

Assim, o uso da linguagem pode ser um instrumento privilegiado para fortalecer os preconceitos dos seres humanos ou favorecer-lhes a emancipação humana. Daí, a importância de se prestar bastante atenção à forma como nos referimos às outras pessoas, seja em nível individual, seja em nível coletivo.

Na medida em que a Língua é um sistema aberto, no qual se vão introduzindo novos vocábulos, expressões e significados, temos a possibilidade de expressar novas percepções e valores mais democráticos.

A linguagem deve funcionar como forma de expressão dos setores que têm estado oprimido historicamente. Falamos dos pobres, das mulheres e dos grupos étnico/ raciais que ainda se encontram em plano subordinado em nossa sociedade. Assim, uma nova sociedade exige uma nova linguagem.



SUGESTÃO DE ATIVIDADES:

- Peça aos seus alunos para fazerem um levantamento sobre expressões, ditados e máximas populares que, de acordo com a avaliação deles, sejam preconceituosas. Por exemplo: "Branco correndo é atleta...negro correndo, é ladrão."; "Programa de índio...".
- Escrever no quadro de giz os resultados da pesquisa feita.
- Discutir o material levantado.
- Divida a turma em pequenos grupos.
- Peça que os alunos reescrevam as expressões preconceituosas, transformando-as em frases positivas.
- Peça que cada grupo expresse, através de formas variadas (dramatização, jogral, desenho, etc.), os resultados encontrados.





QUEM CONTA UM CONTO...



IYÁ MI, A MÃE ANCESTRAL

Existia, antigamente, uma mulher de uma idade já avançada que teve um menino e, no ato de parir, morreu, indo para junto das mães ancestrais. Lá chegando, a mulher ficou muito triste por ter deixado o filho recém-nascido, precisando mamar. Contam muitos casos de Iyá Mi como mães, mas em tudo existe o mal e o bem. Um tem cumplicidade com o outro e, às vezes, o bem vence o mal. Foi o que aconteceu com Iyá Mi naquele dia. Uma mulher a chamou e disse:

- Olha, nós, quando saímos do mundo, chegamos aqui e temos de esquecer tudo. Mas como você está assim, triste com o seu filho, eu vou fazê-la virar uma coruja, você vai se sentar na cumeeira da casa que foi sua e ficar esperando. Quando não tiver ninguém no quarto, você se vira em uma mulher e amamenta seu filho. Isto acontecerá todos os dias até que ele fique forte e mais criado.

Assim a mulher fez, até que o menino não quis mais pegar no peito. Todos diziam:

- Engraçado, esta coruja todo dia senta em cima desta casa. Parece até agora.

Mas nunca desconfiaram de que ela era uma mãe ancestral. Assim, ela se foi para o orun, para o céu, para nunca mais voltar. Só em casos de grandes necessidades é que ela vem aqui.

(Caroço de Dendê, Mãe Beata de Yemanjá)

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

- Coordene, com seus alunos, uma lista daquilo que eles considerem como restrições às mulheres, hoje em dia, tais como profissões, ações na família, maneiras de se portar na rua, na escola, etc.
- Discuta os valores que estão dando respaldo a essas opiniões.
- Solicite que eles façam uma pesquisa em jornais, revistas, livros, sobre mulheres que estejam agindo diferente do que foi comentado em sala.
- Organize um mural, levando-os a refletir sobre o anteriormente expresso e o encontrado.

O JURUPARI

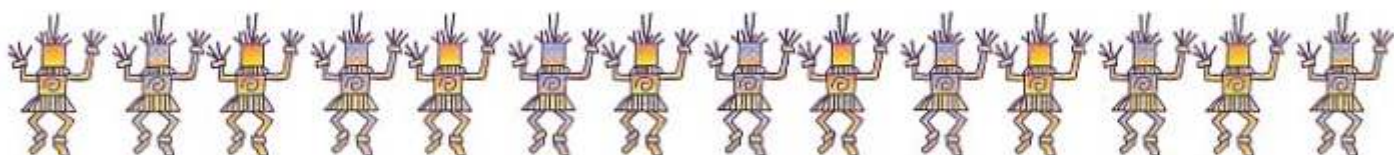
Conta a lenda indígena que houve um tempo em que as índias é que detinham o poder nas tribos e os homens eram seus escravos. Mas o Sol, o grande dominador da Terra, resolveu mudar as coisas. Fez uma índia chamada Ceuci, virgem, engravidar e parir o JURUPARI, que foi enviado pelo Sol para que pudesse arrumar-lhe uma noiva. JURUPARI até hoje não conseguiu a noiva para o Sol, pois ele queria uma mulher perfeita, mas fez os homens passarem a dominar as mulheres. Criou novas leis, mandamentos. Criou uma série de restrições para as mulheres, que daí em diante não poderiam mais tomar parte nas festas dos homens, teriam que conservarem-se virgens até à puberdade, teriam que ser fiéis aos maridos e, se fossem estéreis, poderiam ser abandonadas por eles. Aquelas que desobedecessem seriam mortas, como aconteceu com Ceuci, mãe do JURUPARI. O homem, a partir daí, deveria sustentar-se com o trabalho de suas mãos. Também o chefe deveria ser o mais forte entre eles e poderia ter tantas mulheres quantas pudesse sustentar.

Acredita-se que nas festas dos homens, o JURUPARI aparece vestido como palhaço ou como demônio, abençoando todos com uma varinha. Nenhuma mulher pode vê-lo, sob pena de morrer ou ser amaldiçoada com a curiosidade, a incontinência ou com a facilidade de revelar segredos.

SABER MAIS!:

Nas Grandes Antilhas, alguns anos após o descobrimento da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de investigação para estudar se os índios possuíam ou não alma, estes últimos empenhavam-se em afogar prisioneiros brancos a fim de verificar, por observação prolongada, se seu cadáver estava ou não sujeito à putrefação.

(Levi-Strauss, C. - RAÇA E HISTÓRIA. in Raça e Ciência I. São Paulo: Editora Perspectiva, 1960: 217).



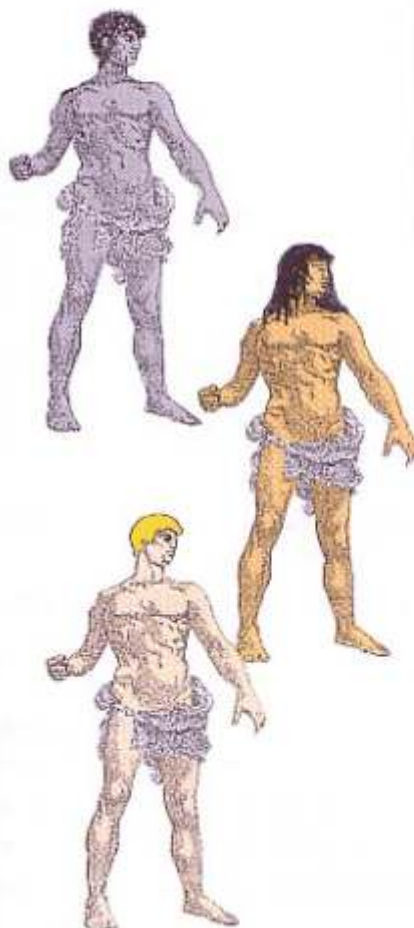


QUARTA PARTE

QUEM É QUEM ?



CORPO HUMANO, FATOR DE ORGULHO



Quando observamos o corpo humano, vemos que todas as diferentes etnias apresentam os mesmos órgãos e características gerais. A diferença, no entanto, reside nas características físicas.

Enfatizar tais aspectos no cotidiano escolar é necessário para que, ao longo de todo o processo educativo, o respeito à diferença seja uma preocupação constante.

Neste sentido, a estética não deve ser condicionada apenas a uma etnia, pois beleza é uma aquisição de qualquer grupo humano, seja ele negro, branco ou índio.



NÃO ME AMARRA DINHEIRO NÃO / MAS FORMOSURA / DINHEIRO NÃO /
 A PELE ESCURA /
 DINHEIRO NÃO / A CARNE DURA / DINHEIRO NÃO /
 MOÇA PRETA DO CURUZU / BELEZA PURA / FEDERAÇÃO / BELEZA PURA /
 BOCA DO RIO / BELEZA PURA / DINHEIRO NÃO /
 QUANDO ESSA PRETA COMEÇA A TRATAR DO CABELO / É DE SE OLHAR /
 TODA A TRAMA DA TRANÇA A TRANSA DO CABELO / CONCHAS DO MAR /
 ELA MANDA BUSCAR PRA BOTAR NO CABELO / TODA MINÚCIA / TODA DELÍCIA /
 NÃO ME AMARRA DINHEIRO NÃO / MAS ELEGÂNCIA /
 NÃO ME AMARRA DINHEIRO NÃO /
 MAS A CULTURA / DINHEIRO NÃO /
 A PELE ESCURA / DINHEIRO NÃO / A CARNE DURA / DINHEIRO NÃO /
 MOÇO LINDO DO BADAUÊ / BELEZA PURA / DO IÊ AIYÊ /
 BELEZA PURA / DINHEIRO YEAH /
 BELEZA PURA / DINHEIRO NÃO / DENTRO DAQUELE TURBANTE DO FILHO DE GHANDI
 É O QUE HÁ / TUDO É CHIQUE DEMAIS, TUDO É MUITO ELEGANTE / MANDA BOTAR /
 FINA PALHA DA COSTA E QUE TUDO SE TRANCE / TODOS OS BÚZIOS / TODOS OS ÓCIOS
 NÃO ME AMARRA DINHEIRO NÃO, MAS OS MISTÉRIOS

(BELEZA PURA - CAETANO VELOSO)



A QUÍMICA DA PELE

NÃO TENS NAS FACES
 JASMINS E ROSA,
 COR MAIS GRACIOSA
 NAS FACES TENS
 TODAS T' INVEJAM
 E HÁ QUEM SER QUEIRA
 ASSIM TRIGUEIRA
 COMO TU ÉS

Os versos deste poeta negro faz um elogio à mulher afro-brasileira, ressaltando a cor de sua pele.

Mas essa tal pele que faz muitos sofrerem e vários sorrirem é feita de quê, afinal de contas?

Nosso organismo é protegido pela PELE, que evita impactos maiores decorrentes dos choques, lesões, queimaduras, etc..

(Domingos Caldas Barbosa, in *Raça e Cor na Literatura Brasileira*, 1983:163)

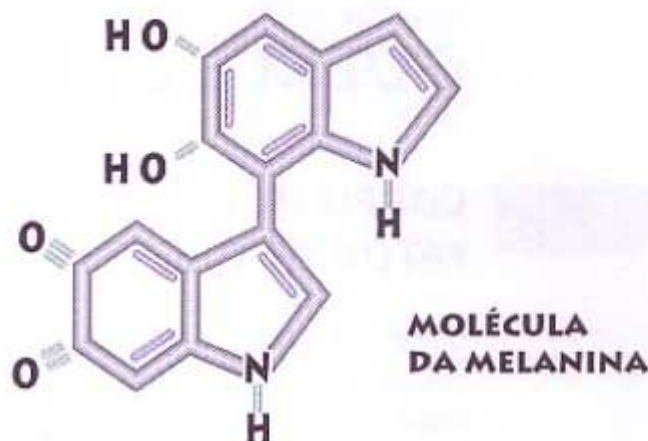




VOCÊ SABIA?

A melatonina clareia a cor da pele dos anfíbios porque causa a agregação dos grânulos de melanina, um hormônio produzido pelo lóbulo intermediário da hipófise. O hormônio estimulante de melanócitos (MSH) promove a dispersão dos grânulos. (Raw, I et alii. Bioquímica, 1981:692)

A cor da pele é originada pela presença da substância chamada MELANINA.



A cor dos cabelos também tem relação com outro tipo de pigmento, que é a feomelanina. Inúmeras moléstias genéticas afetam a produção da melanina, ocasionando a despigmentação da pele ou afetando os olhos, uma vez que sua ausência pode interferir na formação da imagem.



SAÚDE, UMA RESPONSABILIDADE COLETIVA

Pesquisas científicas têm comprovado que há algumas doenças que atacam predominantemente determinados grupos étnicos.

Assim, as seguintes enfermidades atacam predominantemente o grupo étnico afro-descendente:



1. Originária da África, a Anemia Falciforme veio para o Brasil através da mão-de-obra negra africana. Sua incidência é maior onde existe uma maioria de afro-descendentes. As doenças falciformes, além da anemia crônica que lhe é característica, podem provocar problemas sérios em quase todos os órgãos e sistemas, com alta taxa de mortalidade. É fundamental ter um diagnóstico precoce para um tratamento adequado.



2. Hipertensão e diabetes são duas outras enfermidades que atuam sobre a comunidade afro-brasileira, merecendo cuidados especiais.

Quanto às sociedades indígenas, elas têm sofrido historicamente com a tuberculose, a sífilis e o alcoolismo trazidos pelos brancos, além dos distúrbios mentais provocados pela desagregação social sofrida. Entretanto, tais doenças não estão ligadas ao fator genético: elas são decorrência das dificuldades de ordem social e política enfrentadas pela população indígena.



O Governo Federal criou o Programa de Anemia Falciforme, atendendo às reivindicações do movimento negro no sentido de elaboração e implementação de políticas públicas voltadas para a valorização da população afro-descendente, através dos textos dos Decretos de 20.11.95 e 07.02.96.



SUGESTÃO DE ATIVIDADES:

Peça aos seus alunos para fazerem um levantamento entre parentes e amigos, para saber se alguém sofre de uma das doenças citadas acima. Eles devem buscar saber quais os sintomas e qual o tratamento prescrito para as mesmas.

Cada um deve expor oralmente o resultado do levantamento, trocando impressões e informações.





NOSSO PLANETA, NOSSO AMBIENTE. NOSSA CULTURA E NOSSA GENTE!

POR UMA VIDA SAUDÁVEL

Como é possível ver, o AMBIENTE tem uma enorme importância na cultura dos descendentes de africanos no Brasil. E por isso, devemos discutir com os alunos um pouco sobre EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Para tal, vamos fazer uma atividade prática :

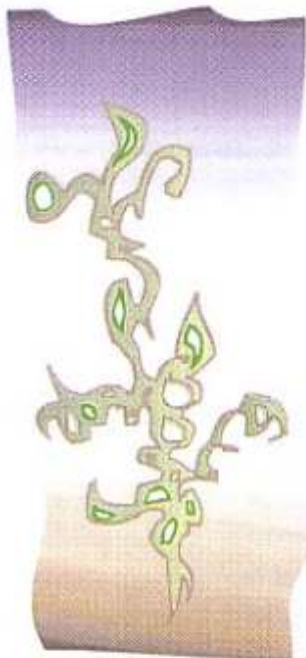
DIVIDA A TURMA EM GRUPO. PEÇA PARA TRAZEREM:

- ▣ um recipiente de vidro transparente (tipo aquário) ou frascos de vidro grandes e transparentes.
- ▣ plástico transparente
- ▣ etiqueta
- ▣ areia
- ▣ terra para jardinagem
- ▣ sementes
- ▣ plantinhas - recolhidas no quintal da escola
- ▣ água
- ▣ fita durex



MONTAGEM DE UM TERRÁRIO

- ▣ COLOQUE A AREIA, DEPOIS A TERRA E, EM SEGUIDA AS SEMENTES. ORNAMENTE COM AS PLANTAS. TENHA O CUIDADO DE NÃO COLOCAR MUITA QUANTIDADE, POIS CAUSARÁ O DESEQUILÍBRIO DO SISTEMA.
- ▣ POR ÚLTIMO, REGUE COM ÁGUA LIMPA E VEDE USANDO O PLÁSTICO E A FITA DUREX. COLOQUE UMA ETIQUETA COM OS NOMES DOS COMPONENTES DO GRUPO. PEÇA PARA OS ALUNOS OBSERVAREM, DURANTE O MÊS, AS MODIFICAÇÕES QUE OCORREM NO SISTEMA.



EXPLORANDO O TERRÁRIO

Como foi possível ver na montagem do Terrário, diversos temas poderão ser trabalhados.

O primeiro, já abordado anteriormente, refere-se à Educação Ambiental sob a perspectiva da Ecologia Humana e Social uma vez que, homens, mulheres, crianças, idosos, jovens e adultos fazem parte de um mesmo sistema, chamado Planeta Terra, sejam estes negros, brancos ou índios.

Agora, apresentaremos outros tópicos do conhecimento científico que poderão ser trabalhados a partir desta atividade.

Durante a montagem pode-se fazer uma série de perguntas aos alunos.

- ▣ O QUE OCORRERÁ COM AS PLANTAS?
- ▣ O QUE ACONTECERÁ COM A ÁGUA?
- ▣ AS SEMENTES SOFRERÃO MUDANÇAS?
- ▣ E AS MINHOCAS, QUAL É O PAPEL DELAS NO INTERIOR DO TERRÁRIO?
- ▣ O PESO, COM O TEMPO, MODIFICARÁ?
- ▣ SE COLOCAR O TERRÁRIO NO ARMÁRIO TRANCADO, O QUE OCORRERÁ?
- ▣ QUAL O PAPEL DA LUZ NO TERRÁRIO?
- ▣ APÓS OBSERVAÇÃO, EXPLIQUE O APARECIMENTO DAS GOTAS DE ÁGUA



Esta atividade poderá servir para se discutir com os alunos a importância do ambiente na vida de todos os seres humanos, sejam eles homens ou mulheres, crianças, adultos ou idosos, negros, brancos ou índios. Enfim, todos vivemos num mesmo sistema e a relação que estabelecemos com este sistema afeta todos da mesma forma. Geralmente as pessoas denunciam a mortandade de baleias, dos micos-leões-dourados e de outras espécies em extinção. Entretanto, muitas vezes esquecemos que fazemos parte deste sistema. Deveríamos nos lembrar que qualquer influência sobre o ambiente afeta tanto plantas e animais como humanos, mesmo que de forma diferenciada.



EDUCAR PARA O AMBIENTE É URGENTE!

A Educação Ambiental definiu como um dos seus objetivos formar "uma população consciente e preocupada com o ambiente e com os problemas que lhe dizem respeito, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de participação e engajamento que lhe permitam trabalhar individualmente e coletivamente para resolver os problemas atuais e impedir que se repitam"

(Congresso de Belgrado, promovido pela UNESCO, 1972).

De certa forma, esta definição foi importante na busca da conceituação do termo Educação Ambiental, uma vez que ela se resumia ao clássico Ensino de Ecologia, tão comum em diversos livros didáticos, que abordavam apenas o aspecto físico, onde o ser humano desempenha um papel de explorador do ambiente e não de parte integrante dele.

(Lemos, 1995).

É interessante notar que a definição clássica de Ecologia, feita pelo biólogo alemão E.Haeckel, em 1866, na obra "Generelle Morphologie der Organismen", vem de duas palavras gregas: *oikós* que quer dizer casa, e *lógos* que significa ciência, discurso. Assim, Ecologia significa a ciência que estuda as condições de existência dos seres vivos e as interações, de qualquer natureza, existentes entre esses seres vivos e seu meio.

(Dajoz, 1983:13 e 14)



Sugestão de Atividades:

As ERVAS MEDICINAIS são uma herança ancestral e fazem parte deste ambiente! Na cultura dos afro-descendentes, as ervas ocupam destaque não só no culto aos Orixás, como no cotidiano no tratamento de diferentes moléstias. Você poderá trabalhar no terrário a importância das plantas na vida das pessoas e do ambiente.

É uma ideia legal montar uma horta na sala de aula usando caixotes. Faça. Todos irão adorar!

Em nossa sociedade, costuma-se dizer que é o favelado quem mais polui o ambiente e, por causa de seu número excessivo de filhos, coloca o futuro do planeta em risco. Na verdade, o que temos presenciado é a acumulação de capital, a ausência de compromisso com a proteção e conservação ambiental, e a colocação da culpa nos pobres que, em sua maioria, são negros. Tenta-se ainda mostrar, a partir de dados científicos atuais, que é este modelo econômico, por ser depredador e altamente produtor de descartáveis, que tem colocado a vida do planeta em risco.

Segundo estatísticas atuais, a população da Terra não tem crescido como previam os demógrafos, mas a miséria e a acumulação de riqueza têm crescido de forma desproporcional.

A miséria para muitos e a riqueza na mão de poucos!

Como somos altamente capazes de usar informações e criar representações simbólicas do mundo a nossa volta (Al Gore, 1993:219), cabe-nos a tarefa de reeducar para um ambiente harmônico e auxiliar a população a disseminar tais compromissos para a nova geração. E ter a consciência da existência de grupos humanos que, devido ao racismo estão sendo alvo de extinção. Como lamentável exemplo podemos citar os índios em toda América!

As ERVAS MEDICINAIS são uma herança ancestral e fazem parte deste ambiente!





CIÊNCIAS

CICLO DA ÁGUA

Durante o período em que os estudantes observarão o terrário, notarão que ficam gotículas de água sob o plástico ou a tampa que cobre o vidro. Isto ocorre porque a água em estado líquido ali colocada, durante a montagem, devido ao fenômeno de evaporação, dá início a parte do Ciclo da Água, de acordo com o esquema abaixo:



Mas e a fase sólida?

A água está no estado sólido (gelo) a menos de 0° centígrados. Como a temperatura do terrário é alta, não podemos verificar esse estado da água.



Durante o dia, com o aumento da temperatura, a água em estado líquido absorve calor e passa para a fase gasosa. Nesta fase, não se verifica a presença da substância, pois ela está na fase vapor, que é invisível. Ao tocar a parede de plástico ou a tampa, esta água "invisível", passa para a fase líquida, já que ali a temperatura é menor. Isto pode ser identificado pelas gotinhas que são visíveis, provando estar ali a água no estado líquido.



Experimente: Pegue um espelhinho. Dê uma baforada longe do espelho. Observe. Agora, chegue o espelho perto de sua boca e faça o mesmo. Primeiro você não observa nada, pois o vapor é invisível, depois vê gotinhas de água se formarem quando o vapor d'água encontra o espelho mais frio e muda de vapor para líquido! Pense: O que ocorre nas paredes do ônibus quando está tempo chuvoso?



MATEMÁTICA

Uma das coisas mais interessantes no terrário, é a impressão de que o peso do sistema aumentará devido à germinação das sementes ali colocadas. Ora, se o sistema está vedado, ali irá ocorrer, na prática, a chamada "Lei de Lavoisier", também conhecida como "Lei da Conservação das Massas" que diz que num sistema isolado não ocorrerá variação na quantidade de massa, quando ocorrer alguma transformação. Ou seja, como não se colocou nada ali dentro, o peso permanecerá o mesmo, pois o que foi usado para a planta crescer saiu do sistema que ali estava integrado.





QUINTA PARTE NOS RIGORES DA LEI... E COMPROMISSOS



CONVENÇÃO DA ONU SOBRE A ELIMINAÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL (1966) – RATIFICADA PELO BRASIL. PROMULGADA PELO DECRETO Nº 65 810, DE 8 DE DEZEMBRO DE 1969.

Os Estados Partes condenam a discriminação racial e comprometem-se a adotar uma política de eliminação da discriminação racial em todas as suas formas e de promoção de entendimento entre todas as raças. Para esse fim, cada Estado Parte compromete-se a não efetuar ato ou prática de discriminação racial contra pessoas, grupos de pessoas ou instituições; a não encorajar, defender ou apoiar a discriminação racial praticada por uma pessoa ou organização qualquer, a tomar as medidas eficazes, a fim de rever as políticas governamentais nacionais e locais e para modificar, ab-rogar ou anular qualquer disposição regulamentar que tenha como objetivo criar a discriminação ou perpetrá-la onde já existir; a adotar as medidas legislativas, proibir e pôr fim à discriminação racial praticada por pessoas, por grupos ou por organizações; favorecer, quando for o caso, as organizações e movimentos multirraciais e outros meios próprios a eliminar as barreiras entre as raças e a desencorajar o que tende a fortalecer a divisão racial. Os Estados Partes comprometem-se a proibir e a eliminar a discriminação racial em todas as suas formas e a garantir o direito de cada um à igualdade perante a lei sem distinção de raça, de cor ou de origem nacional ou étnica, principalmente no gozo dos seguintes direitos:

- direito de um tratamento igual perante os tribunais ou qualquer órgão que administre justiça;
- direito à segurança da pessoa ou à proteção do Estado contra violência ou lesão corporal cometida, quer por funcionários de Governo, quer por qualquer indivíduo, grupo ou instituição;
- direitos políticos, principalmente direito de participar das eleições – de votar e ser votado – conforme o sistema de sufrágio universal e igual direito de tomar parte no Governo, assim como na direção dos assuntos públicos, em qualquer grau e o direito de acesso, em igualdade de condições, às funções públicas;
- Outros direitos civis, principalmente:
 - direito de circular livremente e de escolher residência dentro das fronteiras do Estado;
 - direito de deixar qualquer país, inclusive o seu, e de voltar a seu país;
 - direito a uma nacionalidade;
 - direito de casar-se e escolher o cônjuge;
 - direito de qualquer pessoa, tanto individualmente como em conjunto, à propriedade;
 - direito de herdar;
 - direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião;
 - direito à liberdade de opinião e de expressão;
 - direito à liberdade de reunião e de associação pacífica;
- Direitos econômicos, sociais e culturais, principalmente:
 - direito ao trabalho, à livre escolha de seu trabalho, a condições equivalentes e satisfatórias de trabalho, à proteção contra o desemprego, a um salário igual para um trabalho igual e uma remuneração eqüitativa e satisfatória;
 - direito de fundar sindicatos e a eles se filiar;
 - direito à habitação;
 - direito à saúde pública, a tratamento médico, à previdência social e aos serviços sociais;
 - direito à educação e à formação profissional;
 - direito a igual participação das atividades culturais;
- direito de acesso a todos os lugares e serviços destinados ao uso do público, tais como: meios de transporte, hotéis, restaurantes, cafés, espetáculos e parques.





PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS PROPOSTAS DE AÇÕES GOVERNAMENTAIS

População Negra



Curto prazo

- Apoiar o grupo de trabalho interministerial criado por Decreto Presidencial de 20 de novembro de 1995 com o objetivo de sugerir ações políticas de valorização da população negra.
- Inclusão do quesito "cor" em todos e quaisquer sistemas de informação e registro sobre a população e bancos de dados públicos.
- Apoiar o Grupo de Trabalho para a Eliminação da Discriminação no Emprego e na Ocupação - GTEDEO, instituído no âmbito do Ministério do Trabalho, por Decreto de 20 de março de 1996. O GTEDEO, de constituição tripartite, deverá definir um programa de ações e propor estratégias de combate à discriminação no emprego e na ocupação, conforme os princípios da Convenção 111, da Organização Internacional do Trabalho - OIT.
- Incentivar e apoiar a criação e instalação, a níveis estadual e municipal, de Conselhos da Comunidade Negra.
- Estimular a presença dos grupos étnicos que compõem a nossa população em propagandas institucionais contratadas pelos órgãos da administração direta e indireta e por empresas estatais do Governo Federal.
- Apoiar a definição de ações de valorização da população negra e com políticas públicas.
- Apoiar as ações da iniciativa privada que realizem trabalhos contra a discriminação racial.
- Estimular as Secretarias de Segurança Pública dos Estados a realizarem cursos de reciclagem e seminários sobre discriminação racial.



Médio Prazo

- Revogar normas discriminatórias ainda existentes na legislação infra constitucional.
- Aperfeiçoar as normas de combate à discriminação contra a população negra.
- Criar banco de dados sobre a situação dos direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais da população negra na sociedade brasileira que oriente políticas afirmativas visando à promoção dessa comunidade. Promover o mapeamento e tombamento dos sítios e documentos detentores de reminiscências históricas, bem como a proteção das manifestações culturais afro-brasileiras.
- Propor projeto de lei, visando à regulamentação dos art. 215, 216 e 242 da Constituição Federal.
- Desenvolver ações afirmativas para o acesso dos negros aos cursos profissionalizantes, à universidade e às áreas de tecnologia de ponta.
- Determinar ao IBGE a adoção do critério de se considerar os mulatos, os pardos e os pretos como integrantes do contingente da população negra. Adotar o princípio da criminalização da prática do racismo, nos Códigos Penal e de Processo Penal.
- Estimular que os livros didáticos enfatizem a história e as lutas do povo negro na construção do nosso país, eliminando estereótipos e discriminações.
- Divulgar as Convenções Internacionais, os dispositivos da Constituição Federal e a legislação infra-constitucional que tratam do racismo.
- Apoiar a produção e publicação de documentos que contribuam para a divulgação da legislação antidiscriminatória.
- Facilitar a discussão e a articulação entre as entidades da comunidade negra e os diferentes setores do Governo, para desenvolver planos de ação e estratégias na valorização da comunidade negra.



Longo Prazo

Incentivar ações que contribuam para a preservação da memória e fomento à produção cultural da comunidade negra no Brasil.
Formular políticas compensatórias que promovam social e economicamente a comunidade negra.

Sociedades Indígenas



Curto Prazo

- Formular e implementar políticas de proteção e promoção dos direitos das populações indígenas, em substituição a políticas assimilacionistas e assistencialistas.
- Apoiar a revisão do Estatuto do Índio (Lei 6.001/73), no sentido apontado pelo projeto de lei do Estatuto das Sociedades Indígenas, já aprovado na Câmara dos Deputados.





PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS PROPOSTAS DE AÇÕES GOVERNAMENTAIS

População Negra



Curto prazo

- Apoiar o grupo de trabalho interministerial criado por Decreto Presidencial de 20 de novembro de 1995 com o objetivo de sugerir ações políticas de valorização da população negra.
- Inclusão do quesito "cor" em todos e quaisquer sistemas de informação e registro sobre a população e bancos de dados públicos.
- Apoiar o Grupo de Trabalho para a Eliminação da Discriminação no Emprego e na Ocupação - GTEDEO, instituto no âmbito do Ministério do Trabalho, por Decreto de 20 de março de 1996. O GTEDEO, de constituição tripartite, deverá definir um programa de ações e propor estratégias de combate à discriminação no emprego e na ocupação, conforme os princípios da Convenção 111, da Organização Internacional do Trabalho - OIT.
- Incentivar e apoiar a criação e instalação, a níveis estadual e municipal, de Conselhos da Comunidade Negra.
- Estimular a presença dos grupos étnicos que compõem a nossa população em propagandas institucionais contratadas pelos órgãos da administração direta e indireta e por empresas estatais do Governo Federal.
- Apoiar a definição de ações de valorização da população negra e com políticas públicas.
- Apoiar as ações da iniciativa privada que realizem trabalhos contra a discriminação racial.
- Estimular as Secretarias de Segurança Pública dos Estados a realizarem cursos de reciclagem e seminários sobre discriminação racial.



Médio Prazo

- Revogar normas discriminatórias ainda existentes na legislação infra constitucional.
- Aperfeiçoar as normas de combate à discriminação contra a população negra.
- Criar banco de dados sobre a situação dos direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais da população negra na sociedade brasileira que oriente políticas afirmativas visando à promoção dessa comunidade. Promover o mapeamento e tombamento dos sítios e documentos detentores de reminiscências históricas, bem como a proteção das manifestações culturais afro-brasileiras.
- Propor projeto de lei, visando à regulamentação dos art. 215, 216 e 242 da Constituição Federal.
- Desenvolver ações afirmativas para o acesso dos negros aos cursos profissionalizantes, à universidade e às áreas de tecnologia de ponta.
- Determinar ao IBGE a adoção do critério de se considerar os mulatos, os pardos e os pretos como integrantes do contingente da população negra. Adotar o princípio da criminalização da prática do racismo, nos Códigos Penal e de Processo Penal.
- Estimular que os livros didáticos enfatizem a história e as lutas do povo negro na construção do nosso país, eliminando estereótipos e discriminações.
- Divulgar as Convenções Internacionais, os dispositivos da Constituição Federal e a legislação infra-constitucional que tratam do racismo.
- Apoiar a produção e publicação de documentos que contribuam para a divulgação da legislação antidiscriminatória.
- Facilitar a discussão e a articulação entre as entidades da comunidade negra e os diferentes setores do Governo, para desenvolver planos de ação e estratégias na valorização da comunidade negra.



Longo Prazo

Incentivar ações que contribuam para a preservação da memória e fomento à produção cultural da comunidade negra no Brasil.
Formular políticas compensatórias que promovam social e economicamente a comunidade negra.

Sociedades Indígena



Curto Prazo

- Formular e implementar políticas de proteção e promoção dos direitos das populações indígenas, em substituição a políticas assimilacionistas e assistencialistas.
- Apoiar a revisão do Estatuto do Índio (Lei 6.001/73), no sentido apontado pelo projeto de lei do Estatuto das Sociedades Indígenas, já aprovado na Câmara dos Deputados.



- Assegurar a participação das sociedades indígenas e de suas organizações na formulação e implementação de políticas de proteção e promoção de seus direitos.
- Assegurar o direito das sociedades indígenas às terras que eles tradicionalmente ocupam.
- Demarcar e regularizar as terras tradicionalmente ocupadas por sociedades indígenas que ainda não foram demarcadas e regularizadas.
- No contexto do processo de demarcação das terras indígenas, apoiar ações que contribuam para o aumento do grau de confiança e de estabilidade das relações entre as organizações governamentais e não governamentais, através de seminários, oficinas e projetos que contribuam para diminuir a desinformação, o medo e outros fatores que contribuam para o acirramento dos conflitos e para violência contra os índios.
- Dotar a FUNAI de recursos suficientes para a realização de sua missão de defesa dos direitos das sociedades indígenas, particularmente no processo de demarcação das terras indígenas.
- Garantir às sociedades indígenas assistência na área da saúde, com a implementação de programas de saúde diferenciados, considerando as especificidades dessas sociedades.
- Assegurar às sociedades indígenas uma educação escolar diferenciada, respeitando o seu universo sócio-cultural.
- Promover a divulgação de informação sobre os indígenas e os seus direitos, principalmente nos meios de comunicação e nas escolas, como forma de eliminar a desinformação (uma das causas da discriminação e da violência contra os indígenas e suas culturas).

Médio Prazo

- Implantar sistema de vigilância permanente em terras indígenas, com unidades móveis de fiscalização, com capacitação de servidores e membros da própria comunidade indígena. Levantar informações sobre conflitos fundiários e violência em terras indígenas, a ser integrado ao mapa dos conflitos fundiários e violência rural no Brasil.

Longo prazo

- Reorganizar a FUNAI para compatibilizar a sua organização com a função de defender os direitos das sociedades indígenas.
- Apoiar, junto às comunidades indígenas, o desenvolvimento de projetos auto-sustentáveis do ponto de vista econômico, ambiental e cultural.



LEIS REFERENTES À QUESTÃO NEGRA


Extraído do Documento "Do Tráfico de Escravos aos Quilombos Contemporâneos (Coletânea de Leis)", elaborado pela Fundação Cultural Palmares e Comissão de Direito Comunitário e Cidadania do Instituto dos Advogados Brasileiros

LEIS HISTÓRICAS

- Lei Diogo Feijó contra o tráfico (7/11/1831) - Declara livres todos os escravos vindos de fora do Império e impõe penas aos importadores dos mesmos escravos.
- Lei Euzébio de Queiroz contra o tráfico (4/9/1850) - Estabelece medidas para repressão do tráfico de africanos no Império.
- Regulamentação da Lei Euzébio de Queiroz (5/6/1854) - Declara desde quando deve ter lugar a competência dos Auditores da Marinha para processar e julgar os réus mencionados no Art. 3º da Lei nº 581 de 4/9/1850, e os casos que devem ser impostos pelos mesmos Auditores às penas de tentativa de importação de escravos.
- Lei do Ventre Livre (28/9/1871) - Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nasceram desde a data dessa lei, liberta os escravos da Nação e outras, e providencia sobre a criação e tratamento daqueles filhos menores e sobre a libertação anual de escravos.
- Lei dos Sexagenários (28/9/1885) - Regula a extinção gradual do elemento servil.
- Lei Áurea (13/5/1888) - Declara extinta a escravidão no Brasil.
- Lei Afonso Arinos (3/7/1951) - Inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça ou de cor.



 **LEIS REVOGADAS**

- Lei Afonso Arinos, nova redação (20/12/85) - Inclui, entre as contravenções penais, a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo, de estado civil, dando nova redação à Lei nº 1390, de 3/7/1951.
- Criação da Sedepron-RJ (Decreto nº 16.529, de 1º /4/91) - Constitui, sem aumento de despesa, a Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras.
- Criação da Comissão do Tricentenário de Zumbi (Decreto nº 20.857, de 18/11/94) - Cria, junto à Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras, as Comemorações do Tricentenário da Morte de Zumbi dos Palmares.
- Lei contra o Genocídio (1º/10/56) - Define e pune o crime de genocídio.
- Lei Caó (5/1/89) - Define os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor.
- Alteração da Lei Caó (21/9/90) - Esclarece os crimes e as penas aplicáveis aos atos discriminatórios ou de preconceito de raça, cor, religião, etnia, ou procedência nacional, praticados pelos meios de comunicação ou por publicação de qualquer natureza.
- Lei de Criação da Fundação Cultural Palmares (22/8/88) - Autoriza o Poder Executivo a constituir a Fundação Cultural Palmares - FCP e dá outras providências. 

**CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Título II

Dos Direitos e Garantias Fundamentais

Título I

Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos

Art 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício de cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e às suas liturgias;

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;

Art.215


1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

2º - A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais. (...)

Art.216

5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de remanescência dos antigos quilombos.

Atos das Disposições Constitucionais Transitórias

Art. 68 - Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. 





SEXTA PARTE

NÓS POR NÓS, NÓS POR ELES...E ELAS

devido o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.



A CORDA DA DESIGUALDADE

Dulce Pereira

Todas as nações do mundo terão que lidar com as desigualdades internas nesta passagem de milênio, porque o processo de globalização põe em evidência as contradições dos países. As sociedades que lidarem com as suas realidades de forma direta, aquelas que formularem políticas para assegurar a inclusão dos grupos que foram excluídos, marginalizados por razões da história de cada país, que trabalharemos com dados reais e metas de inclusão e de ampliação da cidadania, são as que terão maiores chances de usufruir das oportunidades de bem-estar, cada vez mais disponibilizadas pelos avanços tecnológicos.

Na sociedade global, o que valorizará cada nação serão as suas particularidades, será o que cada uma oferecer para o mundo de essencial como peculiaridade, o que for especial. A diversidade, afirmam os mais sérios teóricos da globalização, será um valor inestimável.

A diversidade, entretanto, na maioria das sociedades, tem sido um dos principais instrumentos de exclusão. A origem étnica e o gênero dos seres humanos tem sido a base da pirâmide social em muitos países.

Assim é no Brasil. O acesso aos espaços políticos, aos bens sociais, à produção do pensamento, ao gerenciamento da riqueza, tem sido determinado pela lógica escravocrata e do poder masculino.

O potencial desperdiçado pela nação é incalculável à medida que suas maiorias - mulheres, negros e mestiços - compõem o conjunto potencial dos excluídos, embora atores sociais definitivos da identidade nacional.

O país de maior população negra fora da África, somente neste final de século começa a tratar com seriedade os perversos resultados econômicos e políticos do racismo e das ofertas diferenciadas de oportunidades.

O Estado brasileiro teve papel decisivo na consolidação das práticas racistas que geraram as desigualdades entre negros, índios e o restante da população de várias origens européias e asiáticas. O processo da abolição criou status diferenciado de cidadania; assegurou incentivos econômicos para os imigrantes se fixarem na terra e, em contrapartida, negou a titulação da terra ocupada por ex-escravos até mesmo quando essas terras lhes haviam sido doadas; criou impedimentos diretos e indiretos para o acesso ao mercado de trabalho e ao exercício político; estabeleceu a negação do valor econômico da cultura produzida pelos africanos e seus descendentes. O resultado de tal prática é a pobreza e a impossibilidade dos afro-brasileiros de contribuir com todo o seu potencial para que o país se torne, no todo, desenvolvido.

As vísceras do Brasil estão expostas. Não está mais em questão a capacidade de sobrevivência do negro, já comprovada. Está em questão a capacidade da nação de criar seus próprios modelos políticos capazes de curar a esquizofrenia gerada pelo perverso mito da democracia racial. E também nossa sabedoria de incorporar o que é positivo da experiência internacional para tornarmos-nos uma nação que valoriza a diversidade e que recria novas formas de convivência humana, a partir de suas matrizes étnicas.

(Dulce Maria Pereira, presidente da Fundação Cultural Palmares/Minc, in JB, Caderno idéias 22/11/97)





A ESCOLA PÚBLICA, UM ESPAÇO DE COMPROMISSO ÉTICO

Lilian do Valle

Pode a educação, na escola pública, ser uma educação para a tolerância e a equidade étnico-racial e de gênero?

Tantas vezes se diz que só há educação quando o próprio indivíduo se "auto-educa", mas nem sempre agimos como se acreditássemos profundamente que o ser humano tem na liberdade sua característica mais essencial.

Pois muitas são as razões que nos levam a querer substituir a iniciativa do outro, submetendo seus desejos e motivações aos prazos e finalidades escolares, ao invés de lutar pela autonomia de sua vontade e sua razão. Mas todas conduzem a uma só: a enorme dificuldade que temos para lidar com a liberdade – com nossa própria liberdade, e também, forçosamente, com a do outro.

Porém, para aqueles que continuam acreditando no sentido da escola pública, este ainda é o maior desafio: contribuir para que nossa sociedade aprenda a fazer da liberdade uma força construtiva para o coletivo e também para os indivíduos. É aí que entra a questão da tolerância e da abertura ao outro. Pois, se só há educação com liberdade, também só há educação quando há mudança. Só se muda quando se sai de si. Assim, educar-se é aprender a usar sua liberdade para ir em direção àquilo que não se é, ou não se é ainda, ao "outro" que é diferente: à sociedade, à pessoa, à experiência que não se conhece. Do ponto de vista do indivíduo, construir esta sensibilidade de abertura ao outro é a única maneira de socializar-se e, assim, transformar-se num humano, capaz de conviver, criar e construir com os demais humanos, sempre diferentes. Do ponto de vista da sociedade, esta capacidade de abrir-se à diferença cria a democracia, as normas de entendimento e os valores sem os quais só pode haver, na sociedade, dominação de uns sobre os outros e guerra contra tudo que é diferente.

Por isto é que, em nome da liberdade, a escola pública tem necessariamente como primeira tarefa levar cada aluno a se abrir ao outro. Em qualquer tipo de educação, o outro é o saber que não sabemos, os hábitos e a disciplina que não conhecíamos, as capacidades intelectuais que não havíamos ainda tornado parte de nós. Mas somente na escola pública este "outro" passa a ser "aquele de sexo diferente do meu", "aquele de cor diferente da minha", de origem, de religião, de crenças, de modo de ser diferentes dos meus.

Pode a educação, na escola pública, ser uma educação para a tolerância e para a equidade étnico-racial e de gênero?

A resposta deve ser: ou ela o é, ou não há educação.

Lilian do Valle é professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Humanidades e Educação/ Mestrado em Educação



VAMOS PÔR O ESQUELETO FORA DO ARMÁRIO!

Wânia Sant'anna
Marcelo Paixão

Na Grã-Bretanha existe um provérbio que diz "há um esqueleto no armário". Tal frase significa que, por exemplo, uma determinada família guarda um segredo a sete chaves, segredo este envolto em um ar de mistério, mas que constitui uma mácula na história daquele dado grupo. O Brasil também guarda um esqueleto trancafiado no armário. Este segredo, envolto em meio a densa bruma, é constituído pelas relações raciais em nosso país, envolvendo principal, embora não unicamente, a população de origem afro-descendente brasileira e a sua integração junto ao mundo branco. Mas por que e para quem a questão racial no Brasil poderia se constituir em uma vergonha?

O Brasil abriga a segunda maior população negra em todo o Mundo. Como diria Malcolm X, os bisavôs e bisavós deste amplo contingente não foram convidados para vir passear na América. Não puderam cantar bonitas canções para o Mundo Novo. Enfim não viveram o sonho americano. Como diz a música, "tudo chegou sobrevivente no navio". Trazidos à força, os negros viram "a crueldade bem de frente": Tiveram seus nomes, nacionalidades, identidades, crenças apagados da História. Segundo as tradições econômicas e religiosas vigentes à época, escravos eram coisa e não gente, não tinham alma... Seja como for, os séculos se passaram, belos monumentos, hoje históricos, foram erguidos, muita riqueza – açúcar, ouro, fumo, café – foi e continua sendo gerada. Sem dúvida a história dos escravos trazidos para o Brasil e a sorte de seus descendentes guardam muito sofrimento e privações. Mas demonstram também a disposição de



uma raça em sobreviver, em resistir aos maiores tormentos, enfim, em acreditar na vida. Logo, para os próprios afro-descendentes e para a maioria da população brasileira, não existe a menor razão para se envergonharem de seu passado e muito menos para serem céticos em relação ao seu futuro. Quem guarda o esqueleto no armário é quem quer esconder não apenas sua própria vergonha mas sua dupla responsabilidade pelo período escravocrata e pela situação atual onde o racismo, a discriminação e a falta de oportunidades são aspectos cotidianos da esmagadora maioria da população descendente de escravos em nosso país.

A formação do Brasil republicano trouxe consigo uma profunda vontade, senão necessidade, de aprofundar os sentidos da identidade nacional. O país almejava ser uma nação séria, moderna, progressista. Entretanto, na ausência de uma revolução democrática, o discurso das elites do Brasil do começo do século XX produziu a alquimia de transferir, através de uma análise pseudo-científica, para as maiores vítimas do antigo sistema, os ex-escravos, a culpa pela situação de atraso econômico, moral e intelectual no país. O Brasil era do jeito que era por culpa dos negros preguiçosos e das mulatas lascivas que, com sua indolência e permissividade, impediam o progresso da nação. Após a Revolução de 30, outro discurso ganhou corpo no Brasil. Inspirado em Gilberto Freyre, a nação adotou o ideário da democracia racial segundo o qual não haveria racismo no Brasil, mas uma doce e malemolengue forma de dominação dos brancos sobre os negros. Desta vez, não se tratava mais de impingir aos negros a culpa pela sua própria dor, mas de negar a realidade do racismo, do preconceito e das profundas desigualdades sócio-econômicas que separavam a população branca, negra e mestiça no país. Esta concepção de que vigoram relações inter-étnicas harmoniosas exerce um papel hegemônico até hoje no Brasil, o que foi confirmado pela reportagem da "Folha" de 1995, que apontou a prática de um racismo, "politicamente correto", cordial em nosso país.

Como podemos perceber, ao longo da História, o racismo no Brasil tanto já foi fundamentado em concepções (pseudo) científicas como já recebeu tentativas de acobertamento sócio-ideológico que ora não reconhecia sua existência e ora o cobria de adornos e paetês.

Sobre isso existem muitas histórias. Uma das mais populares relembra Rui Barbosa. Esse, cioso em ver realizado um futuro sem as marcas da escravidão ou buscando evitar indenizações a escravos e senhores, teria mandado queimar arquivos contendo documentos das compras de escravos. Sendo verdadeiro o ato, coloca-nos a questão do alcance das tentativas de evitar o tratamento adequado à problemática racial. Não sendo verdadeiro, mas popular a hipótese, releva-se aí o simbolismo do tratamento dissimulado frente aos escravos e seus descendentes.

Finalmente, por um lado ou por outro, esta história exemplifica a questão de que o levantamento e o acesso aos dados, aos documentos e às estatísticas colocam-se como elementos estratégicos para a constituição de políticas promotoras da melhoria da qualidade de vida, seja dos negros e mestiços brasileiros, seja de qualquer outro grupo específico da população. O debate sobre os indicadores de desenvolvimento humano para a população afro-descendente é importante porque permite ampliar o enfoque do desenvolvimento. Contudo, para que, de fato, o IDH(*) venha a representar uma ferramenta a favor da ampliação da cidadania para esta comunidade é preciso que seus formuladores reconheçam que a questão racial é uma das variáveis-chave para a compreensão da exclusão social no Brasil, requerendo assim, um denodo especial na produção de conhecimentos sobre o assunto e no levantamento de informações. A sua execução ou não, de forma alguma alterará, por si mesma, a situação hoje vivida. Mas, na medida em que esclareça ou enevoe aspectos da realidade, podem ajudar a abrir ou fechar importantes caminhos para a sua transformação.

Este texto é a parte final do artigo
Desenvolvimento Humano e População Afro-Descendente no Brasil: Uma Questão de Raça,
publicado na revista PROPOSTA, n.º 73, julho/agosto de 1997.

Wânia Sant'anna é historiadora
Marcelo Paixão é economista. Ambos são negros e assessores da FASE Nacional

(*) IDH – Indicadores de Desenvolvimento Humano 





O PODER FEMININO NO CULTO AOS ORIXÁS

Sueli Carneiro

Cristiane Abdon Cury

A exemplo de todas as culturas produzidas pela humanidade, a cultura africana nos apresenta, em sua mitologia, modelos exemplares de explicação da necessidade de controlar a mulher. A dominação sobre ela será justificada neste caso pela sua voracidade, intolerância e excessos, qualidades que lhes são atribuídas como "naturais".

No homem é identificada a ponderação, a paciência, a razão, a capacidade de produzir cultura e construir a História. Por isso não é permitido à mulher conhecer os mistérios do jogo de adivinhação de Ifá, que representam a história e o destino do povo yorubá. Igualmente ela não poderá participar dos mistérios de Egun, pois este representa a ancestralidade masculina, a linhagem e continuidade do clã.

O equilíbrio de forças entre os sexos está sempre presente nos mitos; há neles o reconhecimento, do ponto de vista do homem, da necessidade de controlar a mulher, não porque ela seja inferior, subproduto dele, mas sim porque tem potencialidades e características capazes de submetê-lo. Para cada atributo masculino encontramos um equivalente feminino e, ainda, homens e mulheres participam das qualidades inerentes à "natureza humana"; homens e mulheres sabem que se equivalem física e psicologicamente.

Baladeira identifica nestes mitos um traço comum das culturas da África Negra. Diz ele: "Mas as relações entre sexos se caracterizam, essencialmente, pelo antagonismo e pela desconfiança: a luta entre homens e mulheres é um combate sem tréguas, em que cada defeito do adversário é imediatamente utilizado, em que cada homem não pode ter confiança em nenhuma mulher, e em que cada mulher teme qualquer homem, zombando dele".

O universo místico nagô, do qual o candomblé é remanescente, se estrutura como várias outras mitologias no princípio da sexualidade. É da interação dinâmica e conflituosa entre pares de contrários que tudo é gerado. Assim, a terra (aiyé) e o além (órun) funcionam segundo essa dinâmica, expressados pelo homem e pela mulher: ele enquanto princípio genitor masculino, ligado ao órun, e ela como a terra grande, ventre reprodutor, princípio genitor feminino.

Essa união, que é a garantia da continuidade de tudo, não se dá harmonicamente e os conflitos que são relatados nos mitos expressam sempre a luta entre os poderes masculino versus feminino em disputa pelo controle do mundo.

Discutir, portanto, a mulher no candomblé, nos remete imediatamente às figuras místicas femininas que, entendemos, compõem um perfil da compreensão que o sistema místico do candomblé possui na condição feminina.

As Iyá mi, ancestrais míticos femininos, são a representação máxima do poder feminino. Elas são também chamadas de Ajé, que em yorubá significa bruxa ou feiticeira, porém "as ajé não são realmente bruxas; são as avós, as mães em cólera e, sem sua boa vontade a vida não poderia continuar, sem elas as sociedades se desintegrariam". (1)

Acreditamos residir fundamentalmente no mistério da concepção da vida a associação da mulher ao segredo, ao temor do desconhecido, à natureza selvagem, às profundezas das águas e suas turbulências, à terra, ventre fecundo onde tudo nasce e para onde tudo retorna, e ao fogo sensual que conduz ao encontro.

Os orixás femininos cultuados no candomblé como Oxum, Iemanjá, Nanã, Obá, Ewá e Iansã representam os aspectos socializados das Iyá mi. São suas remanescentes, mas já se situam no limiar da civilização, embora o mesmo receio expresso em relação às Iyá mi se verifique em relação às orixás femininas citadas, quando invocadas nos seus aspectos negativos que remontam imediatamente às mulheres primordiais.

Assim, questões básicas como maternidade, sexualidade e moralidade são redefinidas a partir desse novo sistema de representações.

(1) BALANDIER, Georges

Sueli Carneiro, graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), vem desenvolvendo trabalhos e pesquisas sobre a família, sobre movimentos negros, religiões afro-brasileiras; mais precisamente o Candomblé, e também sobre o pensamento africano e seus remanescentes no Brasil.

Cristiane Abdon Cury, graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP).





SAMBA, CHORO E CARNAVAL

Márcia Helena Lopes

O samba e o choro talvez sejam as duas mais expressivas e importantes modalidades de música no Rio de Janeiro. Têm trajetórias diversas. Enquanto o samba apresenta estrutura rítmica mais simples, o choro apresenta mais complexidade musical. Tal diferença repousa em questões sociais, políticas e culturais. O samba nasceu com os negros, com os trabalhadores, já o choro tem suas origens em classes sociais mais favorecidas. Embora fosse possível encontrar as duas modalidades na mesma reunião social no início do século, seriam encontradas em lugares diferentes: o samba era executado no quintal e o choro, na sala da frente.

Detendo-se no samba e em sua história, surgem as primeiras controvérsias quanto ao lugar de seu nascimento. Foi no morro? Segundo João da Baiana e Heitor dos Prazeres, o samba nasceu na cidade. Seus compositores não moravam no morro. O que ocorria é que, por ser manifestação musical de uma classe social emergente da escravidão, não era aceita pela sociedade, sofrendo seus compositores perseguição da polícia. Ora, a solução era refugiar-se nos morros, onde não seriam alcançados, e lá produzir. Um dos fatores que talvez mais tenha contribuído para essa vinculação seja a coincidência entre a divulgação de sambas pelas rádios a partir do início da década de 1930 e a integração oficial das favelas localizadas nos morros à constituição urbana da cidade do Rio de Janeiro, criando uma dependência indiscutível entre eles. Esclarecido pelos sambistas citados, o local de nascimento do samba, enquanto a origem social de seus compositores, compreende-se, não perdendo de vista a questão social, o porquê de ter encontrado no morro campo fértil para seu desenvolvimento. Lá moravam os trabalhadores, negros em sua grande maioria, que durante a semana davam conta de seu trabalho na cidade. Aos domingos, no entanto, podiam viver horas de prazer, de liberdade, longe da opressão do dia a dia. O morro significava o distanciamento físico, por um lado e a aproximação, por outro. Distanciamento dos problemas, das necessidades, das condições de trabalho, do sofrimento. Aproximação com os iguais, com a alegria. É no morro e no samba acolhido pelo morro que esse trabalhador encontra alento, refúgio. O morro e o samba trazem a compensação que a cidade e o trabalho não lhes proporcionavam. Assim como se associa o negro do morro ao samba, também se faz tal associação quanto ao Carnaval. No Brasil de hoje, o carnaval tenha talvez três grandes manifestações regionais: em Recife, em Salvador e no Rio de Janeiro. É este último o que mais tomou vulto, ganhando reconhecimento inclusive fora do Brasil. E por que também no carnaval se destaca a figura do negro? Recorrendo à História, encontra-se sempre registro de festas patrocinadas pela corte para entretenimento da população da colônia. Festas, de cunho religioso ou não eram motivo para levar o povo às ruas em brincadeiras de gosto duvidoso como jogar nos outros ovos crus, líquidos quaisquer. Esta é, aliás, a manifestação por excelência que ocorria por ocasião do entrudo – festa de origem portuguesa e sem caráter religioso. Sem música, sem dança, o entrudo caracterizava-se por correrias, sujeira, violência. Dele participavam predominantemente as pessoas de pouco poder aquisitivo. Já na segunda metade do século XIX, surge outra manifestação no carnaval: os ranchos. Seus componentes eram de origem popular, diferentemente das grandes sociedades, oriundas das classes sociais mais favorecidas. Tiveram pequeno papel no carnaval até que em 1908 o rancho Ameno Resedá rompeu com a estrutura de caráter religioso e folclórico, inovando com uma estrutura que em muito se assemelha à das escolas de samba de hoje: carro Abre-Alas, comissão de frente, figurantes, porta-estandarte. O desfile do rancho era acompanhado de música. Ao lado do entrudo e dos ranchos, houve outras manifestações de rua durante o carnaval que contribuíram para que o carnaval do Rio de Janeiro tomasse as feições que tomou: os corsos, os desfiles organizados pelas grandes sociedades. Hoje são as escolas de samba e seus desfiles um dos ápices do carnaval carioca. As escolas de samba têm origem popular, ou melhor, seus componentes eram, em sua maioria, oriundos da migração rural ocorrida após a abolição da escravatura. São os ex-escravos da Bahia, os ex-escravos recrutados para combater Antônio Conselheiro que chegam à capital em busca de melhores condições de vida. Buscam o morro como moradia, afastando-se do centro da cidade. Seus componentes moravam no morro e reuniam-se na cidade. Era a Praça Onze, destruída quando da abertura da Avenida Presidente Vargas, um dos mais importantes locais de reunião dos participantes do que viria a se chamar de samba. Esse nome foi escolhido em função de o local das reuniões ser próximo a uma Escola Normal, daí escola de samba. Também a escola de samba, como o samba e o morro referidos inicialmente, agregava, significava proximidade com os iguais, identificação social, cultural. E é disso que os sambas-enredo ou sambas de enredo tratavam. Assim, quando a escola saía, desfilava, seus componentes expunham com maestria seus valores, tradições. Marginalizados ficavam os que não se identificavam com eles, os que não pertenciam a essa classe social. No entanto, o fim do desfile marcava o retorno às atividades do dia a dia: essa era “uma alegria fugaz”.



Os desfiles das escolas de samba continuam, até hoje, mobilizando milhares de pessoas. Talvez já tenham perdido muito de suas características, mas é inegável que continuam sendo a expressão de uma gente oprimida, que pouco se manifesta durante o ano, só o fazendo em fevereiro, porque "em fevereiro tem carnaval".

Márcia Helena Lopes é mestranda, desenvolvendo na PUC-SP projeto de pesquisa intitulado "A Língua Portuguesa desfila pelo Sambódromo"



AS MÃOS DOS PRETOS

Luis Bernardo Honwana

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos, os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras, que agora é ver-me a não largar seja quem for, enquanto não me disser por que é que os pretos têm as palmas das mãos assim claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não devia ficar senão limpa.

O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila da vez em quando, quando as coca-colas das cantinas já tenham sido todas vendidas, disse que tudo o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei se realmente era, mas ele garantiu-me que era. Depois de eu lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim:

"Antigamente, há muitos anos, Deus Nosso Senhor, Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mão deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!..."

Depois de contar isto, o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta, desataram a rir, todos satisfeitos.

Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha estado ali a ouvir de boca aberta era uma grandessíssima peta. Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os logo tomar banho num lago lá do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.

Mas eu li num livro, que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei onde. Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas.

Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são sempre mais claras que todo o resto dele. Essa é que é essa!



A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo. No dia em que falamos nisso, eu e ela, estava-lhe eu ainda a contar que já sabia dessa questão e ela já estava farta de se rir. O que achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber, e só tivesse respondido depois de se fartar de ver que eu não me cansava de insistir sobre a coisa, e mesmo assim a chorar, agarrada à barriga como quem não pode mais de tanto rir. O que ela disse foi mais ou menos isto:

"Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho. Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes por que é que foi? Claro que não sabes e não admira, porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra de homens... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que, se tiverem juízo, sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos."

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos. Quando fugi para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido.

(conto do livro "Nós matamos o Cão Tinhoso" de Luís Bernardo Honwana escritor Moçambicano, in "Sonho Mama na África", de Cremilda de Araújo Medina São Paulo: Epopéia: Secretaria de Estado da Cultura, 1987).





COMO OS VIDEOS NOS MOSTRAM A QUESTÃO RACIAL

A COR DO SEXO

Realização: Márcia de Almeida e Sandra Tavernari
Participação na direção: Sérgio Melgaço
RJ/1989/ 50'/ reportagem
Pesquisa sobre o preconceito racial no sexo. O vídeo se divide em 5 módulos: infância e adolescência, casamento, imagem sexual, minorias étnicas/sexuais, manipulação sexual, prostituição.

AFUNDAÇÃO DO BRASIL

Direção: Mo Toledo
Produção: Gira Filmes
SP/1980/8'/ficção/animação
Uma sátira bem-humorada sobre as relações de trabalho entre brancos, índios e negros, na época da colonização.

ALÉM DE TRABALHADOR, NEGRO

Direção: Daniel Brazil
Produção: Ely Azevedo, Arnaldo P. Santos e Daniel Brazil
SP/1989/35'/cor/documentário
Uma reconstituição das lutas do trabalhador negro na cidade de São Paulo, desde a Abolição até os dias atuais.

AS DIVAS NEGRAS DO CINEMA BRASILEIRO

Direção: Direção: Victória B. Santos e Adauto de Souza Santos
Produção: Enúgbárijó Comunicações
RJ/1989/50'/Documentário
Entrevistas e performances com atrizes negras de cinema, teatro e televisão que narram suas vidas, carreiras, discriminações e lutas no mundo artístico brasileiro.

CAPOEIRA: ARTE E MALÍCIA

Direção: Ricardo Lobo e Álvaro Duarte
Produção: Video Metrópole e Sak Produções
SP/1986/10'/cor/documentário
Vídeo histórico-didático sobre a origem e prática da capoeira no Nordeste, desde os tempos coloniais até hoje.

COR DA TERRA

Direção: Norma Bahia Pontes e Ana Porto
Produção: ASTARTE - Empreendimentos e Participações Ltda.
RJ/1989/cor/Documentário-ficção
Um vídeo estímulo para o despertar da consciência cósmico-histórica da raça negra: as lutas, os sonhos em busca de uma paz universal.

DE OLHO NO PRECONCEITO

Realização: Fulvia Rosemberg
SP/1985/15'/reportagem
A discriminação sexual e racial nos livros infanto-juvenis

FALA ZUMBI

Direção: Claudius Ceccon
Produção: CECIP
RJ/1988/ 4'15"/ Reportagem
Reportagem sobre a passeata convocada pelo Movimento Negro festejando o centenário da Abolição. A manifestação aconteceu no centro do Rio de Janeiro, dia 13 de maio de 1988.

ISABEL E SEUS NEGRINHOS

Realização: TV Viva
PE/1988/12'/Reportagem/Humor
O repórter Brivaldo volta a 100 anos atrás e se transforma em Princesa Isabel. Liberta os "Escravos-Repórtes" Piolho e Nega Maluca e retorna a 1988 querendo saber sobre a abolição.

MAPUTO MULHER

Direção: Mario Borgneth
Moçambique/1984/23'/Ficção
Demonstra os conflitos vividos pela mulher moçambicana para afirmar seu novo papel no tradicional e no novo, que se confrontam para gerar uma nova mulher.

MULHERES NEGRAS

Direção: Márcia Meireles e Silvana Afram
Produção: Cons. Est. da Condição feminina (SP) e Olhar Eletrônico
SP/1986/23'/ Documentário
A discriminação racial é abordada através das experiências vividas no dia-a-dia pela mulher negra.

O DIAMANTE NEGRO

Direção: Victória B. Santos e Adauto de Souza
RJ/1985/17'/reportagem
Como estão os negros na Nova República? A riqueza das culturas e a repressão que as cerca.

QUANDO O CRIOULO DANÇA

Direção: Dilma Lóes
Produção: Lóes Produções Artísticas e Culturais
RJ/1989/Cor/Documentário-Ficção
Entrevistas intercaladas com cenas de ficção de situações vividas no cotidiano pelo negro, mostrando o contraponto entre as duas formas em que o crioulo dança.

RAÇA NEGRA

Direção: Nilson de Araújo
Produção: Século Vídeo
DF/1988/23'/Documentário
A situação dos negros escravos e as formas de luta contra a escravidão. O trabalho moderno e a escravidão. As diferentes formas de discriminação. Alternativas para a questão racial.



RAP - RITMO E POESIA

Direção: Valter Filé
 Produção: CECIP/TV Maxabomba
 RJ/ 1993/ 11'46"/ Documentário
 Dois grupos mostram o rap como música de protesto diante da realidade da Baixada e a partir de suas especificidades.

RETRATO EM BRANCO E PRETO

Direção: Joel Zito de Araújo
 Produção: Tapiri Vídeo
 1992/ 15"/ Ficção/Documentário
 É um vídeo carta de um homem negro denunciando a persistência do racismo na sociedade e na mídia brasileira.

SE O REI ZULU JÁ NÃO PODE ANDAR NU

Direção: Rita Moreira e Maria Lúcia Silva
 Produção: Rita Moreira Produções
 SP/1987/15'/Documentário
 Vídeo político-musical inspirado pela visita de Desmond Tutu ao Brasil e "costurado" por músicas de Gilberto Gil, Leci Brandão, Sandra Sá e D. Ivone Lara

SOMOS FILHOS DE ORIXÁS

Realização: Andreas Hofbauer
 SP/1989/36'/ Documentário
 Candomblé: uma religião ou qualquer forma de resistência cultural negra? Um pouco da complexidade do mundo do Candomblé, visto através dos olhos dos adeptos que frequentam um terreiro paulistano.

**13 DE MAIO NEGRO**

Direção: Márcia Siqueira
 Produção: Emmesse Vídeo
 SP/1988/12'/Reportagem-Documentário
 Reportagem durante a passeata do 13 de Maio, questionando a consciência negra, onde se desenvolve um ritual de alguns Orixás em busca da autêntica libertação.

UM DIA FELIZ

Produção: TV Maxabomba
 RJ/1994/documentário
 O vídeo trata da questão do preconceito racial a partir do cotidiano das pessoas, mostrando depoimentos e reflexões de integrantes de diversos grupos do movimento negro.

XAMEGO

Direção: Rogério Moreira
 Produção: CECIP/TV Maxabomba
 RJ/ 1990/ 4'24"/ Documentário
 Ex-escravo de Iguaçu conta "causos" de assombração

**ONDE VOCÊ PODE ENCONTRAR
 ESTES VÍDEOS PARA
 COMPRA, ALUGUEL
 OU EMPRÉSTIMO:**

CANAL IMAGINÁRIO

Rua Vicente de Souza, 16/101 - Botafogo - Rio de Janeiro, RJ CEP 22251-070
 tel: (021)22251-070 fax: (021) 266-2551 - E.mail: imaginario@ax.apc.org

CECIP Centro de Criação de Imagem Popular
 Largo de São Francisco de Paula, 34/ 4º andar - Centro - Rio de Janeiro, RJ CEP 20051-070
 tel: (021) 224-3812/224-4565 fax: (021)252-8604 - E.mail: cecip@ax.apc.org

IBASE Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
 Rua Visconde de Ouro Preto, 5 - 7º andar - Botafogo - Rio de Janeiro, RJ
 tel: (021) 553-0676 fax: (021) 552-8796 - E.mail: ibase@ax.apc.org





- ACSELRAD, H. et alli. Ecologia - direito do cidadão. Rio de Janeiro : Gráfica JB, 1993.
- AZEREDO, S. Teorizando sobre gênero e relações raciais. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, tomo 5, n. especial, p.203-216, 1994.
- AZEVEDO, Thales de. Democracia racial. Petrópolis : Vozes, 1975.
- BARCELOS, L. C. Educação: um quadro de desigualdades raciais. Rio de Janeiro : Estudos Afro-Asiáticos, n. 23,1992
- BEATA DE YEMANJÁ, Mãe. Caroco de Dendê: a sabedoria dos terreiros: como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos. - ilustração por Raul Lody Rio de Janeiro : Pallas, 1996.
- BROOKSHAW, D. Raça e cor na literatura brasileira. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1983. (Novas Perspectivas 7).
- CARNEIRO, S. Gênero, raça e ascensão social. Estudos Feministas. Rio de Janeiro, v. 3, n.2, 1995.
- CARISE, I. A arte negra na cultura brasileira. Rio de Janeiro : ARTENOVA, [10--].
- COSTA LIMA, Ivan, ROMÃO, Jeruse. Negros e currículo. Florianópolis : Núcleo de Estudos Negros, 1997 (Série Pensamento Negro em Educação)
Dossiê Mulheres Negras. Rio de Janeiro : Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2., 1995.
- ARIA, Lia. Construindo a nação. In : Formação do educador: dever do estado, tarefa da universidade. BICUDO, Maria Aparecida Viggiani, SILVA JÚNIOR, Celestino Alves da. São Paulo : Editora da UNESP, 1996, v.2.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo : Ática, 1978, 2 v.
- FIGUEIRA, Vera N. O preconceito racial na escola. Rio de Janeiro : Estudos Afro-Asiáticos, n. 18, 1990.
- FREITAS, Décio. O escravismo brasileiro. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1982.
- FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala. Rio de Janeiro : José Olympio, 1975.
- FREIRE, P. et alli. Vivendo e aprendendo. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1981.
- GONÇALVES e SILVA, Petronilha Beatriz; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção. O pensamento negro em educação no Brasil: expressões do movimento negro. São Carlos, EDUFSCar - Editora Universitária, 1997.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1982.
- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. Rio de Janeiro : Tendências : Graal, 1982.
- GUEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan S. A., 1989.
- LARKIN NASCIMENTO, Elisa (org.). Reflexões sobre afro-americanos, meio ambiente e desenvolvimento. Rio de Janeiro : SEAFRO, 1994. A África na escola brasileira. Rio de Janeiro, SEAFRO, 1993.
- LEMONS, Rosália de Oliveira. Feminismo negro em construção: a organização das mulheres negras no Rio de Janeiro - 1978 a 1996. Rio de Janeiro : UFRJ - Dissertação de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 1997.
- LIMA, Lana Lage da Gama. Rebeldia negra & abolicionismo. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.
- MEMMI, Albert. Retrato do colonizador precedido pelo retrato do colonizado. Traduzido por Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.

